

# Impacto de uma Intervenção Psicológica Vocacional no 9.º Ano de Escolaridade

**Marta Sofia Vilar Teixeira**

**Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde**

**Orientação:** Prof. Doutora Íris Martins Oliveira

**Coorientação:** Prof. Doutora Cristina Costa Lobo

Outubro, 2018



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

Marta Sofia Vilar Teixeira, n.º 33864

## **Impacto de uma Intervenção Psicológica Vocacional no 9.º Ano de Escolaridade**

Dissertação apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Íris Martins Oliveira e sob a coorientação da Prof.<sup>a</sup> Doutora Cristina Costa Lobo

Departamento de Psicologia e Educação

Outubro, 2018



UNIVERSIDADE PORTUCALENSE

## Resumo

Face à necessidade de implementar e avaliar a eficácia de intervenções psicológicas de apoio à tomada de decisão e adaptabilidade de carreira, esta investigação tem como objetivo avaliar o impacto de um programa de intervenção vocacional, destinado a estudantes do 9.º ano. Participaram 33 estudantes de ambos os sexos, entre os 14 e os 16 anos de idade e respetivos/as encarregados/as de educação. Os/as estudantes frequentavam duas instituições do ensino público de Vila Nova de Gaia e foram distribuídos pelos grupos intervenção (69.70%) e comparação (30.30%). Os/as estudantes responderam a medidas de adaptabilidade de carreira, decisão e dificuldades na tomada de decisão, em dois momentos. Os/as encarregados de educação participaram numa entrevista prévia à intervenção psicológica. Os resultados de testes de Wilcoxon sugerem que, após a intervenção, os/as estudantes apresentam maior adaptabilidade de carreira e menor dificuldade de tomada de decisão. Segundo testes de Mann-Whitney, o grupo de intervenção tende a apresentar melhores resultados do que o grupo de comparação. Testes de Qui-Quadrado sugerem existir associações entre dimensões parentais e perfis de mudança identificados a partir do *Reliable Change Index*. Esta investigação sustenta a importância da intervenção psicológica vocacional e atende à necessidade de expansão de ofertas neste âmbito e envolvimento de encarregados/as de educação.

*Palavras-chave:* Intervenção psicológica vocacional, adaptabilidade de carreira, indecisão vocacional, dificuldades de tomada de decisão, influência parental.

### **Abstract**

As the implementation and evaluation of psychological interventions supporting career decision making and career adaptability are needed, this research aims at evaluating the impact of a career intervention program for 9<sup>th</sup>-grade students. Thirty-three students of both genders aged 14 to 16 years old, and their caregivers participated in this study. Students attended two public schools in Vila Nova de Gaia and were distributed by intervention (69.70%) and comparison (30.30%) groups. Students responded to measures of career adaptability, career decision-making and decision-making difficulties, in two moments. Caregivers answered an interview prior to the psychological intervention. Wilcoxon's test results suggested that, after the intervention, students present greater career adaptability levels and lower career decision-making difficulties. According to Mann-Whitney tests, the intervention group tended to perform better than the comparison group. Chi-Square tests suggested associations between parental dimensions and students' change profiles identified from the Reliable Change Index. This research supports the importance of career psychological intervention and attends to the need to expand offers and engage caregivers in this field.

*Keywords:* Career intervention, career adaptability, vocational indecision, career decision-making difficulties, parental influence.

## Índice

Introdução.....	9
Desenho de Investigação.....	17
Método.....	17
Participantes.....	17
Instrumentos.....	20
Escala de Adaptabilidade de Carreira.....	20
Escala de Decisão de Carreira.....	21
Questionário de Dificuldades de Tomada de Decisão Vocacional.....	21
Grelha de Entrevista Parental.....	22
Procedimentos.....	23
Análise dos Dados.....	28
Resultados.....	29
Discussão.....	41
Referências.....	45

## Índice de Quadros

Quadro 1. Distribuição dos/as Participantes pelos Grupos de Intervenção e Comparação.....	18
Quadro 2. Distribuição das Habilitações Académicas dos Encarregados/as de Educação pelos Grupos de Intervenção e Comparação.....	19
Quadro 3. Distribuição das Classificações Profissionais dos/as Encarregados/as de Educação pelos Grupos de Intervenção e Comparação.....	20
Quadro 4. Intervenção Psicológica Vocacional “Eu Pertença ao Meu Futuro”.....	24
Quadro 5. Resultados Descritivos dos Grupos de Intervenção e Comparação no Pré e no Pós-teste.....	30
Quadro 6. Resultados dos Testes de Mann-Whitney.....	31
Quadro 7. Frequências de Resposta dos/as Encarregados/as de Educação à questão “Iniciativa para a Conversa Pais-Filhos” .....	32
Quadro 8. Frequências de Resposta dos/as Encarregados/as de Educação nas Categorias da Grelha de Entrevista Parental.....	33
Quadro 9. Associações entre Categorias da Grelha de Entrevista Parental e Perfis de Mudança.....	36

## **Índice de Figuras**

Figura 1. Taxonomia das Dificuldades de Tomada de Decisão (Gati et al., 1996).....	12
Figura 2. Temas da Grelha de Entrevista Parental (Pinto & Soares, 2000; adaptado por Taveira et al., 2002).....	23

### **Lista de Abreviaturas**

SPO - Serviço de Psicologia e Orientação

CAAS - Escala de Adaptabilidade de Carreira

EDC - Escala de Decisão de Carreira

QDTDV - Questionário de Dificuldades de Tomada de Decisão Vocacional

GEP - Grelha de Entrevista Parental

OPP - Ordem dos Psicólogos Portugueses

RCI - *Reliable Change Index*

OIJ - Organismo Internacional de Juventude

## Introdução

Super (1955) introduziu o conceito de maturidade vocacional, que define o nível em que o indivíduo está capaz de lidar com as tarefas de desenvolvimento vocacional e os desafios que irá enfrentar nos nove papéis que assume na vida. Estes papéis passam por ser criança, estudante, inserido/a em atividades de lazer, cidadão/ã, trabalhador/a, cônjuge, cuidador/a da casa, pai ou mãe e reformado/a (Super, 1980). Fatores importantes nestes papéis são as expectativas do próprio e da sociedade quanto ao desempenho do indivíduo, bem como a questão tempo, que difere de pessoa para pessoa, quer por diferentes perspectivas do tempo do ponto de vista longitudinal, quer por escolhas quanto a tarefas a desenvolver ao longo da vida (Ambiel, 2014). Super (1955) propôs avaliar a maturidade vocacional segundo as dimensões planeamento, exploração, informação, tomada de decisão e orientação para o futuro. Independente da faixa etária, esta proposta de avaliação poderia ser aplicada desde a infância até à idade adulta, passando pela exploração de atividades à constituição de interesses e preparação para a reforma (Ambiel, 2014; Savickas, 1997).

Nos dias de hoje, assume-se a atualização do constructo maturidade vocacional pelo de adaptabilidade de carreira (Savickas, 1997). Consiste na prontidão dos indivíduos em responder aos múltiplos desafios da sociedade contemporânea, com pensamento flexível, comportamento proativo, capacidade para mudar tendo em conta um ambiente instável e agilidade para lidar com situações desconhecidas (Ambiel, 2014; Gomes, 2016; Perera & McIlveen, 2016; Savickas, 1997; Savickas & Porfeli, 2012). A adaptabilidade de carreira é um constructo psicossocial e multidimensional, que abrange quatro estratégias de autorregulação, nomeadamente preocupação, controlo, curiosidade e confiança (Ambiel, 2014; Audibert & Teixeira, 2015; Maggiori, Rossier, & Savickas, 2015; Perera & McIlveen, 2016; Santilli, Marcionetti, Rochat, Rossier, & Nota, 2016; Savickas, 1997). Um indivíduo com competências de adaptabilidade de carreira demonstra preocupação com o futuro,

controle na preparação para o mesmo, curiosidade quanto a possíveis cenários futuros com exploração de si e do meio, bem como confiança para superar obstáculos (Maggiore et al., 2015; Savickas & Porfeli, 2012; Vieira, 2014).

Sendo que as capacidades do indivíduo provêm das interações com o meio, então as capacidades estão articuladas com o contexto/cultura em que se está inserido (Savickas & Porfeli, 2012). Assim, a adaptabilidade de carreira desenvolve-se a partir da dinâmica mútua entre a pessoa e os contextos de vida (Vondracek, Ford, & Porfeli, 2014). Refere-se aos recursos do indivíduo e ao que o indivíduo conhece, o que pode ser concebido como o seu capital psicológico. O capital psicológico, segundo Luthans, Youssef, e Avolio (2007), engloba os esforços e a confiança que o indivíduo possui para obter sucesso numa dada tarefa (autoeficácia), mantendo uma perspectiva positiva sobre o futuro (otimismo). O capital psicológico refere-se ainda à manutenção do foco no objetivo a alcançar (esperança), e mesmo quando confrontado com barreiras, na resolução do problema, de modo a atingir o objetivo (resiliência) (Savickas & Porfeli, 2012).

A adaptabilidade de carreira é um constructo central no século XXI, dada a dificuldade na inserção profissional derivada da acentuada retração do número de ofertas de emprego disponíveis (Gamboa, Paixão, & Palma, 2014). É, pois, fulcral desenvolver competências de adaptação aos imprevistos do mundo do trabalho (Ginevra, Pallini, Vecchio, Nota, & Soresi, 2016). Existe também inquietação das instituições educativas relativamente à empregabilidade dos/as estudantes (Gamboa et al., 2014). Esta inquietação tem implicações no momento em que o/a adolescente transita do 9.º ano para o 10.º ano, em que é a chegada a altura de decidir qual a área e em qual estabelecimento de ensino pretende prosseguir estudos. Nesta transição, fatores relevantes a ter em conta são o envolvimento na escola e a motivação para a realização de tarefas escolares (Coelho, 2013). As classificações obtidas são outro fator a considerar, sendo que estas podem influenciar as decisões e a adaptabilidade de

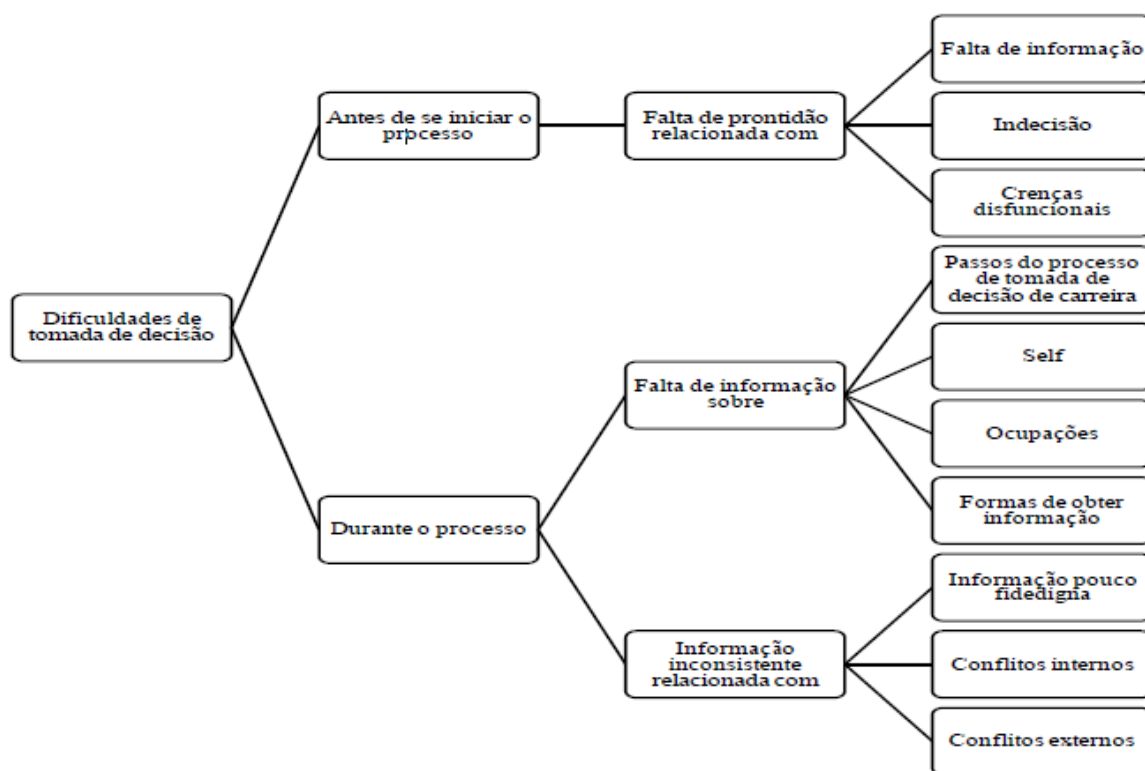
carreira (Negru-Subtirica & Pop, 2016). A representação que o indivíduo tem de si enquanto aluno/a ou estudante<sup>1</sup> pode modificar a atitude e os comportamentos com que surge na escola (Coelho, 2013). Ainda assim, a adolescência envolve preocupações acrescidas aos indivíduos, quer sejam estudantes que apresentam bom desempenho em diversas áreas, ou estudantes sem qualquer preferência e/ou disciplinas com melhor desempenho (Gonçalves, 2013). Com efeito, a adolescência abrange diversas mudanças e requer uma crescente exploração de si próprio/a (Königstedt, 2011). Na adolescência, existem interesses, valores e competências que se procuram autocompreender e que são importantes para a experimentação e realização de escolhas (Königstedt, 2011). Assim, a transição do 9.º para o 10.º ano pode aumentar o stress dos/as adolescentes na procura e no processamento de informação, assim como na realização de uma escolha coerente com a pessoa que se é e gostaria de ser (Rodrigues, Silva, & Ferreira, 2017).

Os/as adolescentes podem manifestar indecisão vocacional em fases do seu desenvolvimento, embora possam posteriormente experienciar compromisso e maior segurança na tomada de decisão (Taveira, 1997). Importa apoiar os/as adolescentes a superar a indecisão vocacional, uma vez que esta condiciona a motivação, a realização de escolhas relativas a um curso ou profissão e a criação de objetivos vocacionais (Taveira, 1997). A indecisão vocacional pode operacionalizar-se no sentimento de incapacidade para identificar ou implementar uma decisão, excluindo interesses e privilegiando níveis de aptidão (Taveira, 1997). Por sua vez, as causas da indecisão podem passar pela falta de informação, medo e ansiedade provocados pela necessidade de tomar uma decisão, e/ou receio de não corresponder às exigências do meio (Taveira, 1997).

---

<sup>11</sup> Um/a aluno/a frequenta um estabelecimento de ensino e, apesar de apresentar um rendimento académico favorável, retém informação por um curto período de tempo e para avaliações. Um/a estudante estuda a matéria lecionada de forma regular e autónoma, tendo um papel ativo nas atividades propostas e na sua aprendizagem (Alves, Soares, & Filho, s.d.).

Gati, Krausz, e Osipow (1996) sugerem que a indecisão vocacional é uma de 10 dificuldades que se podem experienciar no processo de tomada de decisão. Tais dificuldades podem ser organizadas em três categorias, a falta de prontidão, a falta de informação e a informação inconsistente (Figura 1). Na superação dessas dificuldades, objetiva-se que o/a estudante esteja capaz de se sentir, em consciência, capaz de tomar uma decisão em harmonia com os seus objetivos e projeto de vida (Gati et al., 1996; Silva & Ramos, 2008).



*Figura 1.*

Taxonomia das Dificuldades de Tomada de Decisão (Gati et al., 1996).

A fim de dar resposta às crescentes exigências das instituições educativas e do mercado de trabalho, bem como de responder a necessidades dos/as jovens, importa implementar intervenções de apoio à tomada de decisão e ao desenvolvimento de competências de gestão de carreira (Gamboa et al., 2014). O papel ativo do indivíduo e os

construtos adaptabilidade de carreira, indecisão vocacional e dificuldades na tomada de decisão tornam-se, pois, essenciais nas intervenções de carreira (Gamboa et al., 2014). A intervenção vocacional pode ser definida como “qualquer estratégia para ajudar um cliente a tomar e implementar decisões eficazes de carreira” (Spokane & Oliver, 1983, citado por Spokane & Nguyen, 2015, p. 100). Ou ainda, segundo Fretz (1981), como “toda a ação, atividade ou programa, desenvolvido para facilitar o desenvolvimento da carreira das pessoas” (p. 78). Ou seja, as intervenções vocacionais têm como finalidade ajudar os indivíduos a desenvolver competências de compreensão de si (Spokane, 2004).

As intervenções de carreira na transição entre o 9.º e o 10.º ano podem incluir práticas diretas e de consultoria psicológica. Nas práticas diretas, é fundamental uma atmosfera de confiança e segurança para apoiar a exploração dos/as jovens (Königstedt, 2011). Neste âmbito, a consulta psicológica vocacional é percebida como um processo de base relacional entre dois indivíduos ou mais, com objetivo de ajudar clientes nas suas decisões. A consulta psicológica vocacional, caso seja praticada em grupo, apresenta vantagens, como a percepção de que os seus problemas não são únicos e o aumento da motivação dos/as participantes, permitindo que cada participante ofereça apoio e desafio para o grupo, bem como expanda competências sociais (Faria, Araújo, Taveira, & Pinto, 2008). No que concerne à consultoria psicológica vocacional, é recomendável a interação com a família (Rodrigues, Gamboa, Vieira, Paixão, & Domingues, 2017; Rodrigues et al., 2017), pois esse contexto tem impacto no desenvolvimento dos valores e da identidade vocacional dos/as estudantes, bem como no sucesso profissional futuro<sup>2</sup> (Gonçalves & Coimbra, 2007; Taveira, 2011). A nível familiar, a influência dos pais nas escolhas e trajetórias de vida dos/as adolescentes pode ser implícita ou explícita, intencional ou não. Existem variáveis familiares com impacto no desenvolvimento

---

<sup>2</sup> Motivo pelo qual é utilizado o termo vocacional ao invés do termo carreira, que remete para o conjunto funções desenvolvidas profissionalmente ou não, ao longo da vida (Cordeiro et al., 2018).

vocacional dos/as jovens, como o nível sociocultural e económico, a estrutura familiar, as habilitações académicas dos pais, ou a composição de díades pais-filhos (Estreia, Gamboa, Rodrigues, & Paixão, 2018; Gonçalves & Coimbra, 2007; Rodrigues et al., 2017; Taveira, 2011). O desenvolvimento vocacional dos/as jovens é favorecido por contextos familiares responsivos, com abertura à comunicação, relações positivas de apoio e desafio, promoção e participação em atividades, suporte emocional à autonomia, questionamento e responsabilidade (Faria, 2013; Gonçalves & Coimbra, 2007; Königstedt, 2011; Taveira, 2011). Para além da comunicação, o *feedback* familiar é importante no encorajamento dos/as jovens (Estreia et al., 2018). Nas conversas pais-filhos/as, debatem-se questões de carreira e transmitem-se emoções influentes nas decisões e ações do indivíduo, intencionais e direcionadas para objetivos (Young, Paselukho, & Valach, 1997; Young et al., 2001).

Nas últimas décadas, vários autores têm-se preocupado em demonstrar a eficácia da intervenção vocacional, focando-se sobretudo nos seus efeitos (e.g., Brown & Roche, 2016; Fretz, 1981; Myers, 1971; Silva, 2004; Whiston, Brecheisen, & Stephens, 2003). Embora Brown (2015) defenda que a psicologia vocacional ainda tem um longo percurso a percorrer para determinar a eficácia das intervenções, ressalvam-se avanços. Meta-análises têm demonstrado a existência de efeitos benéficos moderados, ainda que robustos, na maturidade vocacional, tomada de decisão, confiança nas escolhas e informação (e.g., Brown & Roche, 2016; Spokane & Oliver, 1983). Krumboltz, Backer-Haven, e Burnett (1979) concluíram ainda que a intervenção vocacional contribui para a melhoria de competências vocacionais específicas (e.g. procura de emprego) e pode ajudar clientes a aumentar confiança nas suas escolhas, se os/as profissionais de consulta psicológica vocacional funcionarem como modelos de comportamento, fornecerem informação concreta e não-estereotipada, reforçarem comportamentos exploratórios e providenciarem feedback útil ao autoconhecimento dos/as clientes. Também Whiston, Li, Mitts, e Wright (2017) verificaram a eficácia da intervenção

vocacional no que respeita à identidade vocacional, adaptabilidade de carreira, autoeficácia na tomada de decisão na carreira, suporte social percebido e expectativas de resultado.

Já Spokane (2004) identificou cinco componentes comuns às intervenções vocacionais eficazes, sendo elas o desenvolvimento de uma estrutura cognitiva para compreensão do Eu, do mundo do trabalho, e da relação entre ambos; a procura e apropriação de informação sobre o Eu e o mundo do trabalho (informação vocacional); o ensaio cognitivo de aspirações, sonhos, esperança, entre outros aspetos congêneres inerentes à construção de narrativas pessoais; o apoio social ou reforço, por parte do/a psicólogo/a, de um colega de intervenção, de um familiar, de um par, entre outros; e a mobilização de comportamento exploratório persistente. Tem-se também reconhecido a importância da Educação para a Carreira como estratégia infusiva e não aditiva no sistema educativo (e.g., Königstedt & Taveira, 2010; Rodríguez-Moreno, 1995; Whiston et al., 2003).

Assim, ao/a psicólogo/a compete, por exemplo, num Serviço de Psicologia e Orientação<sup>3</sup> (SPO), mobilizar intervenções psicológicas vocacionais desde a consulta psicológica individual ou grupal, educação para a carreira, atividades de informação e aproximação ao contexto de trabalho (Gamboa, Paixão, & Jesus, 2011). A intervenção psicológica vocacional é uma das atividades mais solicitadas ao SPO e implementadas por estes serviços (Mendes, Abreu-Lima, & Almeida, 2015). Em contexto de SPO, a literatura tem vindo a demonstrar a eficácia do programa de intervenção vocacional em grupo “Eu

---

<sup>3</sup> O SPO consiste numa unidade especializada de apoio, que desenvolve a sua ação em estabelecimentos de ensino, nos seus diferentes níveis, integrado na rede de ensino público (DL 190/91). Na sequência das suas atribuições, enquadra-se o acompanhamento psicológico de estudantes e o apoio ao desenvolvimento do sistema de relações nas escolas e entre estas e a comunidade (DL 190/91). Sendo um direito e um dever que assiste a todas as crianças e jovens até aos 18 anos de idade, frequentar a escola desde o 1.º ciclo ao ensino secundário (Despacho n.º 6478/2017), os SPO dirigem a sua atividade a diferentes fases de desenvolvimento e percurso educativo.

Pertenço ao meu Futuro” (Taveira, 2014), junto de estudantes do 9.º ano de escolaridade.

Segundo Taveira (2014), este programa pretende:

- (a) esclarecer os/as alunos/as sobre a natureza da decisão vocacional nesta fase académica;
- (b) auxiliar o processo de indecisão vocacional por parte dos/as estudantes;
- (c) apoiar a situar esta decisão vocacional numa perspetiva mais abrangente da vida;
- (d) auxiliar a comunicação e a ação conjunta entre pais e filhos/as;
- e (e) antecipar, com ambos, possíveis dificuldades e soluções para lidar com a esta transição (p. 8).

Os estudos de Taveira et al. (2015), de Cordeiro et al. (2017) e de Machado (2018), resultantes da implementação do programa em Vila Nova de Famalicão e Vila Nova de Gaia, permitiram verificar um impacto positivo na adaptabilidade de carreira, em todas as dimensões. Machado (2018) acresce que jovens que beneficiam da intervenção apresentam resultados estatisticamente superiores na dimensão confiança do que jovens sem intervenção. Estes resultados são compatíveis com os de outros estudos que comparam grupos em intervenções vocacionais (e.g., Janeiro, Mota, & Ribas, 2014; Nota, Santilli, & Soresi, 2016; Silva, Coelho, & Taveira, 2017). Fica patente o interesse em replicar este tipo de estudos, pela necessidade de melhorar e ajustar continuamente a intervenção psicológica vocacional às necessidades que os/as estudantes podem apresentar. A investigação permite melhorar respostas das comunidades educativas, particularmente em SPO, face à necessidade de intervenção psicológica vocacional com estudantes do ensino básico português. Permite, pois, potenciar maior justiça na promoção da capacidade de tomada de decisão e da adaptabilidade de carreira, também junto de grupos específicos (Jung, 2017). Contudo, no que respeita ao programa “Eu Pertenço ao Meu Futuro” (Taveira, 2014), importa ainda apostar na realização de estudos com recurso a um grupo de comparação, sem intervenção (Cordeiro et al., 2017),

considerar a aplicabilidade do programa junto de outros/as estudantes e atestar o impacto noutros constructos (Machado, 2018).

### **Desenho de Investigação**

Face à necessidade de implementar intervenções psicológicas de apoio à tomada de decisão e adaptabilidade de carreira, a presente investigação inscreve como objetivo avaliar o impacto do programa “Eu Pertença ao meu Futuro” – 9.º ano, versão revista do programa “Futuro Bué!” (Taveira, 2014). O impacto do programa foi avaliado no ano letivo 2017/2018, junto de estudantes do 9.º ano de escolaridade (i.e., população-alvo), com e sem intervenção. Envolveram-se os/as encarregados/as de educação, no sentido de fornecer respostas a dúvidas e esclarecer expectativas quanto à intervenção. O impacto do programa teve em consideração não só a adaptabilidade de carreira, como também a indecisão vocacional e as dificuldades na tomada de decisão. Assumiu-se um *design quasi-experimental*, com pré-teste e pós-teste, grupos não equivalentes e circunstâncias passíveis de replicação (Haro et al., 2016).

Com base na literatura revista, espera-se que os/as estudantes alvo de intervenção demonstrem, após a mesma, maior adaptabilidade de carreira (Hipótese 1), menor indecisão vocacional (Hipótese 2) e menor dificuldade de tomada de decisão (Hipótese 3). Antecipa-se que os/as estudantes demonstrem, após a intervenção e em comparação com pares sem intervenção, maior adaptabilidade de carreira (Hipótese 4), menor indecisão vocacional (Hipótese 5) e menor dificuldade de tomada de decisão (Hipótese 6). Prevê-se ainda que a influência parental se associe ao aumento da adaptabilidade de carreira (Hipótese 7) e à diminuição da indecisão vocacional (Hipótese 8) e das dificuldades de tomada de decisão (Hipótese 9).

### **Método**

#### **Participantes**

Os/as participantes foram recrutados por um método de amostragem não-probabilístico por conveniência. Ainda que este método de amostragem possa apresentar menor robustez do que um método de amostragem aleatória, é defendido por vários autores como o mais adequado a empreender em contexto educativo (e.g., Cohen, Manion, & Morrison, 2000).

Participaram 33 estudantes do 9.º ano de escolaridade, 17 (51.50%) do sexo feminino e 16 (48.50%) do sexo masculino, com idades entre os 14 e os 16 anos ( $M = 14.48$ ,  $DP = .67$ ). Os/as estudantes frequentavam duas instituições de ensino público (Agrupamento 1 e Agrupamento 2) no distrito do Porto, concelho de Vila Nova de Gaia. Os/as participantes foram distribuídos em dois grupos – grupo de intervenção e grupo de comparação. Como critérios de inclusão no grupo de intervenção, consideraram-se a disponibilidade para o preenchimento dos instrumentos nas ocorrências pré-teste e pós-teste e a participação na totalidade do programa de intervenção. O grupo de intervenção incluiu 23 (69.70%) estudantes ( $M_{idade} = 14.43$ ,  $DP = .59$ ), três do Agrupamento 1 e 20 do Agrupamento 2. No grupo de comparação, assumiu-se como critério de inclusão não usufruir de qualquer intervenção vocacional nem em contexto escolar, nem em contexto extraescolar. Este grupo foi constituído por 10 (30.30%) estudantes do Agrupamento 1 ( $M_{idade} = 14.60$ ,  $DP = .84$ ) (Quadro 1).

Quadro 1.

*Distribuição dos/as Participantes pelos Grupos de Intervenção e Comparação*

	Grupo Intervenção ( $n = 23$ )		Grupo Comparação ( $n = 10$ )	
	$n$	%	$n$	%
Rapazes	10	43.50	6	60
Raparigas	13	56.50	4	40
Agrupamento 1	3	13	10	100
Agrupamento 2	20	87	-	-

Os/as encarregados/as de educação dos/as jovens de ambos os grupos participaram também nesta investigação. No grupo de intervenção, participaram dois pais (8.70%), 18 mães (78.30%), pai e mãe de um dos casos (4.30%) e outra figura de dois casos (i.e., avós) (8.70%). No grupo de comparação, participaram dois pais (20.00%), cinco mães (50.00%), pai e mãe de três casos (30.00%). As habilitações académicas dos/as encarregados/as de educação oscilavam entre o ensino básico e o ensino secundário (Quadro 2).

Quadro 2.

*Distribuição das Habilitações Académicas dos Encarregados/as de Educação pelos Grupos de Intervenção e Comparação*

	Grupo Intervenção			Grupo Comparação	
	Pai <i>n (%)</i>	Mãe <i>n (%)</i>	Outro <i>n (%)</i>	Pai <i>n (%)</i>	Mãe <i>n (%)</i>
1.º Ciclo	-	1 (4.30%)	-	3 (30.00%)	2 (20.00%)
2.º Ciclo	2 (8.70%)	1 (4.30%)	-	4 (40.00%)	-
3.º Ciclo	5 (21.70%)	8 (34.80%)	-	-	3 (30.00%)
Ensino Secundário	6 (26.10%)	6 (26.10%)	-	-	3 (30.00%)
Ensino Superior	3 (13.00%)	4 (17.40%)	1 (4.30%)	2 (20.00%)	2 (20.00%)

O grupo de intervenção apresentava um pai reformado e duas mães desempregadas, enquanto o grupo de comparação incluía um pai reformado e uma mãe desempregada.

Considerando a Classificação Portuguesa das Profissões (INE, 2011), os/as encarregados/as de educação exerciam maioritariamente funções de serviços pessoais, proteção, segurança e vendedores (Quadro 3).

## Quadro 3.

*Distribuição das Classificações Profissionais dos/as Encarregados/as de Educação pelos Grupos de Intervenção e Comparação*

	Grupo Intervenção			Grupo Comparação	
	Pai	Mãe	Outro	Pai	Mãe
	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>	<i>n</i>
1 Representantes do poder legislativo e de órgãos executivos, dirigentes, directores e gestores executivos	1	-	-	1	1
2 Especialistas das actividades intelectuais e científicas	2	3	-	3	2
3 Técnicos e profissões de nível intermédio	2	2	-	-	1
4 Pessoal administrativo	-	2	-	1	-
5 Trabalhadores dos serviços pessoais, de protecção e segurança e vendedores	4	5	1	-	5
6 Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura, da pesca e da floresta	-	-	-	-	-
7 Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices	3	1	-	1	-
8 Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem	-	1	-	-	-
9 Trabalhadores não qualificados	-	1	-	-	-

### Instrumentos

**Escala de Adaptabilidade de Carreira (CAAS; Savickas & Porfeldt, 2012; adaptado por Duarte et al., 2012).**

A versão portuguesa do CAAS (Duarte et. al, 2012) contém 28 itens respondidos numa escala *Likert* de cinco níveis, entre 1 “Muito pouco” e 5 “Muito”. Os itens são divididos por quatro subescalas com sete itens cada, sendo elas, preocupação (e.g., “Planear como alcançar os meus objetivos”), controlo (e.g., “Assumir a responsabilidade pelos meus atos”), curiosidade (e.g., “Explorar alternativas antes de fazer uma escolha”) e confiança (e.g., “Ser consciencioso(a) e fazer as coisas bem”). A escala tem apresentado bons resultados de consistência interna em países europeus como a Bélgica (.88) e a Itália (.91), países americanos como o Brasil (.91) e os Estados Unidos (.92), e países asiáticos como a China (.94) e a Coreia (.93) (Camacho, 2013; Gomes, 2016; Simplício, 2014; Vieira, 2014). Na

versão portuguesa, o alfa de *Cronbach* da escala global é de .90. O alfa de *Cronbach* das dimensões é de .76 para a preocupação, .69 para o controlo, .78 para a curiosidade e .79 para a confiança (Duarte et al., 2012). Na presente investigação, obtiveram-se valores de consistência interna de .98 na escala global, .91 na subescala preocupação, .84 na subescala controlo, .93 na subescala curiosidade e .93 na subescala confiança.

**Escala de Decisão de Carreira (EDC; Osipow, Carney, Winer, Yanico, & Koschier, 1976; adaptado por Taveira, 1997).**

A Escala de Decisão de Carreira pretende avaliar a indecisão vocacional. A versão portuguesa é constituída por 16 itens, em que 15 são respondidos numa escala tipo *Likert* de quatro níveis, entre 1 “Nada parecido comigo” (indeciso/a) e 4 “Exatamente como eu” (mais decidido/a), e um item de resposta aberta para expressar mais informação que não tenha sido referida anteriormente. Relativamente à consistência interna, o alfa de *Cronbach* da escala global é de .90 (Taveira, 1997). Na amostra desta investigação, obteve-se uma estimativa de consistência interna de .88.

**Questionário de Dificuldades de Tomada de Decisão Vocacional (QDTDV; Gati & Saka, 2001; adaptado por Silva, 2005).**

O Questionário de Dificuldades de Tomada de Decisão de Carreira, versão portuguesa (Silva, 2005), inclui 34 itens respondidos numa escala tipo *Likert* de nove níveis, entre 1 “Não me descreve” e 9 “Descreve-me bem”. No início do questionário, é solicitado aos indivíduos que indiquem se já consideraram uma determinada área de especialização ou ocupação (Sim/Não). Em caso de resposta afirmativa, é pedido que se assinale o grau de confiança com essa escolha, numa escala tipo *Likert* de nove níveis, entre 1 “Nada confiante” e 9 “Muito confiante”. A última questão faz referência ao grau de dificuldade de tomada de decisão, respondido numa escala tipo *Likert* de nove níveis, entre 1 “Baixa” e 9 “Alta”. O questionário avalia dificuldades de tomada de decisão de carreira, considerando os fatores de

primeira e segunda ordem previamente ilustrados na Figura 1. Os itens sete e 12 são de validade (e.g., “Gosto de fazer as coisas à minha maneira”). O alfa de *Cronbach* da escala global é de .93 (Silva & Ramos, 2008). A consistência interna para o fator de segunda ordem falta de prontidão é de .64, para o fator falta de informação é de .93, e para o fator informação inconsistente é de .92. O alfa de *Cronbach* para os 10 fatores de primeira ordem oscila entre .52 (Crenças Disfuncionais) e .85 (*Self*). (Silva & Ramos, 2008). Na presente investigação, obtiveram-se estimativas de consistência interna de .96 na escala global, .72 para o fator de segunda ordem falta de prontidão, para o fator falta de informação .96, e para o fator informação inconsistente .91. O alfa de *Cronbach* para os 10 fatores de primeira ordem oscila entre .60 (Crenças Disfuncionais) e .86 (*Self* e Ocupações).

**Grelha de Entrevista Parental (GEP; Pinto & Soares, 2000; adaptado por Taveira et al., 2002, cit. in Araújo et al., 2012).**

A grelha é constituída por 10 questões relativas a variáveis sociodemográficas dos/as encarregados/as de educação, data de nascimento e ano de escolaridade do/a educando/a. Inclui questões abertas e fechadas, enquadradas em três temas - comunicação, ação conjunta e expectativas. Em cada tema, existem diferentes opções de resposta, integradas em categorias e subcategorias (Figura 2), sendo possível ao/à encarregado/a de educação selecionar mais do que uma opção (Viamonte, 2012).

Temas	Categorias	Sub-categorias
Comunicação	Escola	Resultados escolares
		Vida escolar em geral
		Estudo em casa
		Relação com os colegas
		Gestão do tempo em diferentes actividades
	Futuro escolar	Tempo de estudo
		Universidade
		Opções após o 9º ano de escolaridade
		Escolas Secundárias
	Futuro profissional	Profissões
		Saídas profissionais
		Mudanças no mundo do emprego
		Actualidade
	Pessoa	Adolescência
		Características da personalidade
Competências académicas		
Saúde		
Valores		
Acção conjunta	Inexistência	Falta de tempo
		Desconhecimento do que deve ser realizado
		Não querer influenciar
		Muito cedo para realizar qualquer atividade
	Escolar	Apoio ao estudo
		Realização de atividades extra-curriculares
		Pesquisa de cursos ou outra informação na Internet
		Falar com familiares sobre cursos, profissões ou empregos
		Inscrição nas visitas de estudo e outras saídas semelhantes
		Falar das alterações do ensino secundário ao longo do tempo
	Profissional	Falar sobre as profissões
		Visitas a instituições
	Pessoal	Falar sobre o mercado de trabalho
		Ver com ele ou proporcionar programas culturais para alargar horizontes
	Expectativas	Escolar
A realização de um curso superior específico		
A conclusão do 12º ano		
Realização de um curso profissional		
A conclusão do 9º ano		
Profissional		A realização de uma profissão específica
		A realização de trabalho numa área específica
		A realização de uma profissão com saída profissional
		A realização de uma profissão em que se sinta realizado/a e tenha sucesso
Pessoal		O que ele/ela quiser
		Que seja feliz
		Que siga o seu sonho

Figura 2. Temas da Grelha de Entrevista Parental (Pinto & Soares, 2000; adaptado por Taveira et al., 2002).

## Procedimentos

A implementação do programa de intervenção psicológica vocacional “Eu Pertença ao Meu Futuro” (Taveira, 2014) foi realizada por uma psicóloga em formação académica no SPO de uma das instituições escolares. A implementação do programa ocorreu sob supervisão e teve a duração de oito semanas no Agrupamento 1 (no 2.º período letivo) e 10 semanas no Agrupamento 2 (no 2.º e 3.º períodos letivos). Em consonância com o manual do

programa, este foi implementado em grupos de seis a 10 estudantes, em contexto de sala de aula, na ausência do/a professor/a e em horário não-letivo.

O programa de intervenção decorreu em quatro fases – iniciar, explorar, comprometer e finalizar (Quadro 4; Taveira, 2014). Foram desenvolvidas duas sessões de 20 minutos cada com os/as encarregados/as de educação<sup>4</sup>, no início do programa, sob a forma de entrevista semiestruturada e com recurso à GEP, e no final do programa para *feedback*. No caso dos/as encarregados/as de educação que não tinham disponibilidade para reunir pessoalmente, foi enviado e devolvido, em envelope selado, a GEP e o consentimento informado referente à participação do/a educando na investigação. As restantes cinco sessões, de 90 minutos cada, com os/as estudantes, tiveram frequência semanal. Houve duas interrupções letivas, devido ao Carnaval e à Páscoa, o que prolongou o programa uma semana no Agrupamento 1 e duas semanas no Agrupamento 2. Administraram-se os instrumentos aos/as estudantes de ambos os grupos no pré-teste (antes da intervenção) e no pós-teste (final da intervenção). A recolha de dados decorreu em contexto de sala de aula, nos meses de janeiro e abril 2018.

Quadro 4.

*Intervenção Psicológica Vocacional “Eu Pertença ao Meu Futuro”*

Sessão	Objetivos específicos	Recursos	Observações da psicóloga
0	Sensibilizar os familiares para a necessidade de Intervenção Vocacional dos/as seus/suas filhos/as; Sensibilizar os pais para o potencial do seu papel de facilitadores do desenvolvimento vocacional dos/as filhos/as; Apresentar o racional e os objetivos gerais do programa; Esclarecer dúvidas e desmistificar conceções erróneas sobre a intervenção vocacional.	Diálogo; Ficha de inscrição dos/as estudantes no programa; Grelha de entrevista parental (Pinto & Soares, 2000; adaptado por Taveira et al., 2002).	-

*Continua*

<sup>4</sup> Varias figuras assumiram o papel de encarregado/a de educação, como pais, mães ou avós.

## Quadro 4.

*Intervenção Psicológica Vocacional “Eu Pertença ao Meu Futuro”**Continuação*

Sessão	Objetivos específicos	Recursos	Observações da psicóloga
1	<p>Estabelecer uma relação de confiança entre o/a psicólogo/a e os/as estudantes;</p> <p>Identificar experiências prévias de intervenção vocacional;</p> <p>Avaliar as expectativas dos/as estudantes face ao programa;</p> <p>Apresentar os objetivos gerais do programa;</p> <p>Negociar com os/as estudantes regras de funcionamento do grupo;</p> <p>Estabelecer um contrato formal de participação;</p> <p>Avaliar o estatuto de decisão dos/as estudantes;</p> <p>Confrontar/discutir crenças irracionais em relação ao conceito de carreira/intervenção vocacional.</p>	<p>Diálogo;</p> <p>Protocolo de recolha de dados com três medidas de autorrelato;</p> <p>Contrato escrito;</p> <p>Ficha de Caracterização Pessoal;</p> <p>Grelha para a avaliação das sessões.</p>	-
2	<p>Apoiar os/as estudantes a identificar o problema vocacional em questão;</p> <p>Definir/redefinir a natureza do problema e objetivos vocacionais dos/as estudantes;</p> <p>Promover a consciência dos/as estudantes sobre a necessidade de decidir;</p> <p>Esclarecer os passos, especificidades e as implicações de um processo de tomada de decisão vocacional;</p> <p>Promover o autoconhecimento dos/as estudantes, no que toca aos valores pessoais e culturais e à relação com decisões e projetos vocacionais;</p> <p>Avaliar a perspetiva temporal de futuro dos/as estudantes.</p>	<p>Diálogo;</p> <p>Ficha “Inventário de Exploração Pessoal de Valores”;</p> <p>Grelha para a avaliação das sessões.</p>	<p>Tende a haver alguma resistência por parte dos/as estudantes, devido ao elevado número de fichas a preencher; de forma a dar resposta a esta situação, quando necessário, suspenderam-se as atividades, dando espaço para reflexão em conjunto sobre os temas abordados em cada sessão e nas fichas trabalhadas até então.</p>

*Continua*

## Quadro 4.

*Intervenção Psicológica Vocacional “Eu Pertencço ao Meu Futuro”**Continuação*

Sessão	Objetivos específicos	Recursos	Observações da psicóloga
3	<p>Promover a consciência de si e o autoconhecimento, no que toca aos interesses, valores e competências;</p> <p>Ajudar a relacionar o autoconhecimento com a tomada de decisão vocacional;</p> <p>Avaliar e apoiar os/as estudantes na exploração dos seus pontos fortes e fracos como estudantes, filhos/as, amigos/as, em atividades de lazer, e como futuros trabalhadores/as;</p> <p>Relacionar papéis de vida com opções de resolução do problema vocacional atual;</p> <p>Avaliar e apoiar os/as estudantes na exploração das suas áreas de maior preferência e de maior rejeição, na atualidade, retirando implicações para o leque de alternativas de escolha;</p> <p>Integrar a informação sobre o <i>self</i>, explorada nas sessões anteriores, com a informação explorada na presente sessão.</p>	<p>Diálogo;</p> <p>Versão traduzida do Inventário <i>Self Directed Search-R</i> (SDS; Holland, 1978, 1983);</p> <p>Ficha com a descrição dos tipos Realista, Investigador, Artista, Social, Empreendedor e Convencional;</p> <p>Ficha com informação sobre oportunidades de estudo e profissões mais relacionadas com diversas dimensões de interesses vocacionais;</p> <p>Ficha “Afiml como é que eu sou?”;</p> <p>Grelha para a avaliação das sessões.</p>	<p>Sessão mais direcionada para os interesses vocacionais dos/as estudantes, o que parece suscitar aumento motivacional. Contudo, verifica-se algum cansaço, devido à extensão do inventário.</p>
4	<p>Ajudar a refletir sobre um modelo de tomada de decisão de carreira;</p> <p>Ajudar a definir objetivos pessoais de exploração do meio;</p> <p>Ajudar a explorar oportunidades de formação e de trabalho após o 12.º ano;</p> <p>Ajudar a criar um conjunto de hipóteses prováveis para cada aluno/a;</p> <p>Ajudar cada aluno/a, a avaliar as hipóteses colocadas;</p> <p>Ajudar cada aluno/a a identificar possíveis incongruências e zonas de conflito;</p> <p>Ajudar cada aluno/a a integrar esta escolha num projeto de vida amplo.</p>	<p>Ficha “Exploração geral de alternativas”;</p> <p>Ficha “Exploração pormenorizada de alternativas”;</p> <p>“Diagrama do sistema educativo português”;</p> <p>Guia das “Ofertas Educativas e Formativas” e pesquisas na Internet;</p> <p>Grelha para a avaliação das sessões.</p>	<p>Verificou-se, por parte dos/as estudantes, interesse na pesquisa de cursos e na identificação de diferenças entre cursos.</p>

*Continua*

## Quadro 4.

*Intervenção Psicológica Vocacional “Eu Pertencço ao Meu Futuro”**Conclusão*

Sessão	Objetivos específicos	Recursos	Observações da psicóloga
5	Ajudar os/as estudantes a integrar os conteúdos e processos abordados durante as sessões anteriores; Ajudar os/as estudantes a aplicar o processo de tomada de decisão a uma situação concreta; Ajudar os/as estudantes a definir um plano de carreira; Ajudar os/as estudantes a comprometerem-se com uma escolha; Ajudar a antecipar os passos necessários à concretização do plano; Avaliar os resultados obtidos com o programa; Finalizar o processo de consulta psicológica vocacional em grupo; Sensibilizar para eventual necessidade de seguimento do processo de ajuda.	Diálogo; Ficha “Tomada de decisão”; Ficha “Integração desta decisão num projeto de vida mais amplo”; Ficha “Simulação da matrícula no Ensino Secundário”; Protocolo; Grelha para a avaliação das sessões; Grelha para avaliação do programa.	Apesar da finalização das sessões com os/as estudantes, alguns/as estudantes manifestaram ainda dificuldade em escrever a decisão. No entanto, esses/as estudantes tendem a conseguir priorizar opções possíveis. Ao avaliar o programa, os/as estudantes referem como ponto negativo, a demasia de fichas a preencher.
6	Apresentar os resultados do programa aos familiares dos/as estudantes; Informar sobre o processo e esclarecer possíveis dúvidas; Apoiar a comunicação e construção de apoios pais-filhos/as, acerca das condições necessárias à implementação da decisão.	Breve síntese pela psicóloga do processo e dos resultados da intervenção com cada aluno/a; Antecipação, em conjunto, (psicóloga, familiares e cliente) dos passos a seguir no plano de ação; Preparação de atividades futuras de eventual seguimento da intervenção.	Alguns/as encarregados/as de educação consideram que os/as educandos podem já ter tomado uma decisão quando iniciam a intervenção, ou apresentam risco de retenção, ou ainda dificuldades em gerir as sessões com as exigências de estudo e/ou de saúde.

Cumpriram-se os procedimentos éticos subjacentes à intervenção e investigação em Psicologia, ao abrigo do Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) e do Código de Ética da *American Psychological Association* (APA). Foram cumpridos os princípios gerais de: respeito pela dignidade e direitos da pessoa, sendo respeitadas as decisões vocacionais dos/as estudantes; a competência por parte da psicóloga, exercendo a

sua atividade sob supervisão, em consonância com pressupostos técnico-científicos e formação para implementação do programa; e de beneficência e não-maleficência, protegendo os legítimos interesses dos/as estudantes e adequando as sessões às suas necessidades (Regulamento n.º 258/2011). Foram ainda cumpridos seis princípios éticos específicos. Primeiro, assegurou-se o consentimento informado, sendo que a autorização para realizar esta investigação foi concedida pelas direções dos agrupamentos de escolas, bem como se garantiu consentimento dos/as diretores/as de turma, encarregados/as de educação e estudantes. Segundo, assegurou-se privacidade e confidencialidade, tendo-se procedido ao armazenamento de dados em envelopes selados e atribuído um código alfanumérico por estudante, no preenchimento de cada instrumento (APA, 2010; Regulamento n.º 258/2011). Terceiro, respeitaram-se relações profissionais, existindo respeito mútuo pelos/as colegas psicólogos/as e outros profissionais/agentes educativos. Quarto, houve cuidados profissionais na avaliação psicológica, tendo sido utilizados protocolos válidos e fundamentados do ponto de vista científico, salvaguardando a devida supervisão, proteção e segurança dos materiais. Quinto, consideraram-se cuidados profissionais na intervenção psicológica, pois preveniram-se potenciais situações de conflitos de interesse entre clientes e instituições (Regulamento n.º 258/2011). Sexto, respeitaram-se procedimentos éticos subjacentes à investigação psicológica, garantindo a participação informada e voluntária dos/as estudantes e assegurando a integridade científica (APA, 2010; Regulamento n.º 258/2011).

### **Análise dos Dados**

Os dados foram tratados no *IBM Statistical Package for the Social Sciences, Macintosh 23* (SPSS-23). Analisaram-se os *missing values* e, como opção de tratamento, recorreu-se à substituição pela média (Tabachnick & Fidell, 2013). Os resultados descritivos – valores mínimos, máximos, médios e os desvios-padrão – para cada uma das escalas e subescalas foram calculados, em função do grupo e do momento. Para testar as diferenças

entre grupos e entre momentos, e considerando o reduzido número de participantes, o teste de hipóteses recorreu a testes não-paramétricos. O Teste de Mann-Whitney foi utilizado para testar diferenças entre grupos e o Teste de Wilcoxon para testar diferenças entre momentos. Recorreu-se ao *Reliable Change Index* (RCI; Jacobson & Truax, 1991), já utilizado no estudo do impacto de intervenções psicológicas educacionais e de carreira (e.g., Silva et al., 2017), para verificar mudança decorrente da intervenção. O RCI refere-se à validade interna da intervenção psicológica, ou seja, analisa se as mudanças podem ser atribuídas à intervenção (Aguiar, Del Prette, & Aguiar, 2009). Com base no RCI calculado por participante nos grupos de intervenção e de comparação, consideraram-se três perfis de mudança – melhorar, piorar, manter. Analisou-se a distribuição das respostas da GEP e, através do Teste de Qui-Quadrado, testou-se a sua associação com os perfis de mudança. Foram adotados valores de significância estatística inferiores a .05 como estatisticamente significativos e valores entre .05 e .10 como marginalmente significativos (Martins, 2011).

## **Resultados**

### **Comparação entre Grupos e Momentos**

Os resultados descritivos sugerem que, no grupo de intervenção, existe um aumento da média da Escala da Adaptabilidade de Carreira, entre o primeiro momento ( $M = 4.05$ ) e o segundo ( $M = 4.18$ ). No grupo de comparação, existe uma diminuição do valor médio do total da adaptabilidade de carreira do primeiro ( $M = 3.81$ ) para o segundo momento ( $M = 3.73$ ). Na Escala de Decisão de Carreira, houve um aumento dos valores mínimos e máximos entre momentos, apenas no grupo de intervenção. Relativamente ao Questionário de Dificuldades de Tomada de Decisão Vocacional, verifica-se uma diminuição da média, entre o primeiro ( $M = 4.65$ ) e o segundo momento ( $M = 4.15$ ), no grupo de intervenção. No grupo de comparação, o valor médio é equivalente entre momentos (Quadro 5).

## Quadro 5.

*Resultados Descritivos dos Grupos de Intervenção e Comparação no Pré e no Pós-teste*

		Grupo Intervenção				Grupo Comparação			
		<i>Mín.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Mín.</i>	<i>Máx.</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Adaptabilidade									
T1	Preocupação	2.86	5.00	4.02	.55	2.14	4.71	3.67	.88
	Controlo	3.14	5.00	4.14	.45	3.00	4.86	4.07	.71
	Curiosidade	2.29	5.00	3.90	.60	1.86	4.71	3.59	.95
	Confiança	3.00	5.00	4.13	.55	2.57	4.71	3.91	.79
	Total	3.11	5.00	4.05	.43	2.86	4.61	3.81	.72
T2	Preocupação	3.14	5.00	4.11	.61	2.86	4.86	3.84	.73
	Controlo	3.00	5.00	4.18	.55	3.00	5.00	3.83	.71
	Curiosidade	2.86	5.00	4.13	.57	1.43	4.86	3.51	1.02
	Confiança	2.71	5.00	4.29	.64	2.86	4.86	3.74	.73
	Total	3.32	4.86	4.18	.51	2.82	4.89	3.73	.75
Decisão									
T1	Decisão	1.20	3.07	2.37	.52	1.40	2.87	2.11	.45
T2	Decisão	1.40	3.47	2.32	.54	1.40	2.87	2.18	.49
Dificuldades									
T1	Falta de prontidão	2.60	6.10	4.63	.99	2.90	6.00	4.52	1.16
	Falta de informação	1.17	8.25	5.22	1.81	1.33	7.33	3.88	1.92
	Informação inconsistente	1.00	7.60	3.84	1.68	1.00	4.80	2.82	1.34
	Total	1.89	6.74	4.65	1.20	2.14	5.31	3.79	1.26
T2	Falta de prontidão	1.80	7.00	4.47	1.28	1.80	5.50	4.28	1.06
	Falta de informação	1.00	7.86	4.39	2.09	1.00	6.00	3.78	1.74
	Informação inconsistente	1.00	7.10	3.38	1.74	1.00	5.00	3.17	1.54
	Total	1.41	6.80	4.15	1.53	1.97	5.31	3.78	1.27

Nota: *M* = Média; *DP* = Desvio-padrão. T1 = Tempo 1, pré-teste. T2 = Tempo 2, pós-teste.

Os resultados do Teste de Mann-Whitney (Quadro 6) referentes ao pré-teste sugerem a existência de diferenças marginalmente significativas entre o grupo de intervenção e o de comparação nas dificuldades de tomada de decisão,  $U = 70.00$ ,  $p = .08$ . O grupo de intervenção, no pré-teste, tende a apresentar maior dificuldade de tomada de decisão do que o grupo de comparação. Verificam-se ainda diferenças marginalmente significativas entre o grupo de intervenção e o de comparação na falta de informação para tomada de decisão,  $U = 67.50$ ,  $p = .06$ . O grupo de intervenção, no pré-teste, tende a apresentar maior falta de informação comparativamente ao grupo de comparação.

Quanto à comparação de grupos no pós-teste, encontraram-se diferenças marginalmente significativas entre o grupo de intervenção e o de comparação na adaptabilidade de carreira,  $U = 69.50$ ,  $p = .07$ . O grupo de intervenção, no pós-teste, tende a

apresentar maior adaptabilidade de carreira do que o grupo de comparação. No que concerne às subescalas, encontraram-se diferenças marginalmente significativas entre o grupo de intervenção e o de comparação na curiosidade,  $U = 71.50$ ,  $p = .09$ , e diferenças estatisticamente significativas na confiança,  $U = 61.50$ ,  $p = .03$ . O grupo de intervenção, no pós-teste, tende a apresentar maior curiosidade e a revelar maior confiança do que o grupo de comparação.

#### Quadro 6.

##### *Resultados dos Testes de Mann-Whitney*

		Grupo Intervenção ( $n = 23$ ) <i>Ordem Média</i>	Grupo Comparação ( $n = 10$ ) <i>Ordem Média</i>	<i>U</i>
<b>Adaptabilidade</b>				
T1	Preocupação	17.87	15.00	95.00
	Controlo	16.93	17.15	116.50
	Curiosidade	17.70	15.40	99.00
	Confiança	17.57	15.70	102.00
	Total	17.57	15.70	102.00
T2	Preocupação	18.13	14.40	89.00
	Controlo	18.70	13.10	76.00
	Curiosidade	18.89	12.65	71.50 <sup>†</sup>
	Confiança	19.33	11.65	61.50*
	Total	18.98	12.45	69.50 <sup>†</sup>
<b>Decisão</b>				
T1	Decisão	18.41	13.75	82.50
T2	Decisão	17.74	15.30	98.00
<b>Dificuldades</b>				
T1	Falta de prontidão	17.15	16.65	111.50
	Falta de informação	19.07	12.25	67.50 <sup>†</sup>
	Informação inconsistente	18.83	12.80	73.00
	Total	18.96	12.50	70.00 <sup>†</sup>
T2	Falta de prontidão	17.52	15.80	103.00
	Falta de informação	17.87	15.00	95.00
	Informação inconsistente	17.37	16.15	106.50
	Total	17.76	15.25	97.50

<sup>†</sup> $p < .10$ ; \* $p < .05$

Os resultados do Teste de Wilcoxon sugerem diferenças marginalmente significativas na adaptabilidade de carreira entre o pré-teste e o pós-teste,  $Z = -1.95$ ,  $p = .05$ . O grupo de intervenção tende a apresentar maior adaptabilidade de carreira no pós-teste do que no pré-teste. Verificaram-se também diferenças marginalmente significativas nas dificuldades de tomada de decisão entre o pré-teste e o pós-teste,  $Z = -1.87$ ,  $p = .06$ . O grupo de intervenção

tende a apresentar menor dificuldade de tomada de decisão no pós-teste do que no pré-teste. No que concerne às subescalas, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas na falta de informação entre o pré-teste e o pós-teste,  $Z = -2.34$ ,  $p = .02$ . O grupo de intervenção apresenta menor falta de informação no pós-teste do que no pré-teste. Não foram encontradas diferenças entre o pré e o pós-teste no grupo de comparação.

### **Influência Parental e Perfis de Mudança**

A análise de frequências permite verificar que os/as encarregados/as tomam maioritariamente a iniciativa para iniciar conversa sobre o futuro escolar e profissional dos/as estudantes, em ambos os grupos (Quadro 7). No grupo de intervenção, os/as encarregados/as de educação apontam, como principal objetivo para as conversas, contribuir para o autoconhecimento dos/as educandos/as (65.20%). Em ambos os grupos, os/as encarregados/as de educação esperam que os/as educandos/as concretizem uma profissão em que se sintam realizados/as e tenham sucesso (83.60% grupo de intervenção, 70.00% grupo de comparação).

Quadro 7.

*Frequências de Resposta dos/as Encarregados/as de Educação à questão “Iniciativa para a Conversa Pais-Filhos”*

	Grupo Intervenção Encarregados/as Educação <i>n</i> (%)	Grupo Comparação Encarregados/as Educação <i>n</i> (%)
Nós, os Pais	12 (52.20%)	5 (50.00%)
Filho/a	6 (26.10%)	2 (20.00%)
Os pais e o/a filho/a	4 (17.40%)	3 (30.00%)
Total	22 (95.70%)	10 (100%)

Considerando os temas, categorias e sub-categorias da GEP (Quadro 8), no grupo de intervenção, os/as encarregados/as conversam mais frequentemente com os/as educandos/as acerca dos resultados escolares e da relação com os/as colegas (95.70%) e menos

frequentemente sobre escolas secundárias (52.20%). As atividades mais frequentemente (56.50) realizadas entre encarregados/as de educação e jovens são inscrição em visitas de estudo e saídas semelhantes, diálogo sobre profissões e o mercado de trabalho. Com menor frequência (4.30%), realizam visitas a instituições ou não desenvolvem atividades conjuntas por considerarem ser ainda cedo para o fazer, desconhecerem o que devem fazer ou recearem influenciar escolhas.

#### Quadro 8.

#### *Frequências de Resposta dos/as Encarregados/as de Educação nas Categorias da Grelha de Entrevista Parental*

Categorias	Sub-categorias	Grupo Intervenção	Grupo Comparação
		Encarregados/as Educação n (%)	Encarregados/as Educação n (%)
Escola	Resultados escolares	22 (95.70%)	10 (100.00%)
	Vida escolar em geral	21 (91.30%)	9 (90.00%)
	Estudo em casa	20 (87.00%)	9 (90.00%)
	Relação com os colegas	22 (95.70%)	9 (90.00%)
	Gestão do tempo em diferentes actividades	20 (87.00%)	7 (70.00%)
Futuro escolar	Tempo de estudo	13 (56.50%)	8 (80.00%)
	Universidade	16 (69.60%)	7 (70.00%)
	Opções após o 9º ano de escolaridade	15 (65.20%)	8 (80.00%)
Futuro profissional	Escolas Secundárias	12 (52.20%)	7 (70.00%)
	Profissões	15 (65.20%)	7 (70.00%)
	Saídas profissionais	17 (73.90%)	9 (90.00%)
	Mudanças no mundo do emprego	14 (60.90%)	5 (50.00%)
Pessoa	Actualidade	19 (82.60%)	8 (80.00%)
	Adolescência	17 (73.90%)	9 (90.00%)
	Características da personalidade	21 (91.30%)	9 (90.00%)
	Competências académicas	16 (69.60%)	9 (70.00%)
	Saúde	19 (82.60%)	7 (70.00%)
-	Valores	20 (87.00%)	9 (90.00%)
	Ajudar o/a filho/a no seu próprio conhecimento	15 (65.20%)	7 (70.00%)
	Para conhecer melhor o/a filho/a	12 (52.20%)	5 (50.00%)
	Para promover o desenvolvimento do/a filho/a	16 (69.60%)	5 (50.00%)
Inexistência	Para ajudá-lo ou ajudá-la a desenvolver novas perspetivas	14 (60.90%)	8 (80.00%)
	Falta de tempo	2 (8.70%)	-
	Desconhecimento do que deve ser realizado	3 (13.00%)	-
	Não querer influenciar	2 (8.70%)	-
	Muito cedo para realizar qualquer atividade	1 (4.30%)	-

*Continua*

## Quadro 8.

*Frequências de Resposta dos/as Encarregados/as de Educação nas Categorias da Grelha de Entrevista Parental**Conclusão*

Categorias	Sub-categorias	Grupo Intervenção	Grupo Comparação
		Encarregados/as Educação n (%)	Encarregados/as Educação n (%)
Escolar	Apoio ao estudo	10 (43.50%)	6 (60.00%)
	Realização de atividades extra-curriculares	8 (34.80%)	3 (30.00%)
	Pesquisa de cursos ou outra informação na Internet	6 (26.10%)	4 (40.00%)
	Falar com familiares sobre cursos, profissões ou empregos	9 (39.10%)	5 (50.00%)
	Inscrição nas visitas de estudo e outras saídas semelhantes	13 (56.50%)	3 (30.00%)
	Falar das alterações do ensino secundário ao longo do tempo	10 (43.50%)	5 (50.00%)
Profissional	Falar sobre as profissões	13 (56.50%)	7 (70.00%)
	Visitas a instituições	1 (4.30%)	-
	Falar sobre o mercado de trabalho	13 (56.50%)	9 (90.00%)
Pessoal	Ver com ele ou proporcionar programas culturais para alargar horizontes	2 (8.70%)	3 (30.00%)
Escolar	A realização de um curso superior qualquer	8 (34.80%)	3 (30.00%)
	A realização de um curso superior específico	5 (21.70%)	4 (40.00%)
	A conclusão do 12º ano	3 (13.00%)	3 (30.00%)
	Realização de um curso profissional	3 (13.00%)	3 (30.00%)
	A conclusão do 9º ano	1 (4.30%)	-
Profissional	A realização de uma profissão específica	1 (4.30%)	1 (10.00%)
	A realização de trabalho numa área específica	1 (4.30%)	1 (10.00%)
	A realização de uma profissão com saída profissional	11 (47.80%)	3 (30.00%)
	A realização de uma profissão em que se sinta realizado/a e tenha sucesso	19 (83.60%)	7 (70.00%)
Pessoal	O que ele/ela quiser	10 (43.50%)	5 (50.00%)
	Que seja feliz	15 (65.20%)	6 (60.00%)
	Que siga o seu sonho	15 (65.20%)	6 (60.00%)

Os resultados do RCI sugerem manutenção dos resultados da adaptabilidade de carreira (60.90%) e das dificuldades de tomada de decisão (52.20%), no grupo de intervenção. Na decisão de carreira, 52.20% dos/participantes tende a piorar. Quanto ao grupo de comparação, não se verificam melhorias em quaisquer constructos, à exceção de um estudante (10.00%) que apresentou redução de dificuldades de tomada de decisão.

Os resultados do Teste de Qui-Quadrado (Quadro 9) sugerem que, no grupo de intervenção, a manutenção dos resultados na adaptabilidade de carreira relaciona-se com o falar do estudo em casa e com a ausência de ação conjunta por se considerar ainda precoce

(100%). No grupo de comparação, manter os resultados de adaptabilidade de carreira tende a relacionar-se com o falar com os/as encarregados/as de educação sobre escolas secundárias (50.00%). O piorar dos resultados de adaptabilidade de carreira, no grupo de comparação, associa-se à ausência de participação em visitas de estudo e saídas semelhantes (100%), a baixas expectativas parentais quanto a saídas profissionais (100%) e a conversar com os/as encarregados/as de educação acerca da conclusão do 12.º ano (50.00%).

No grupo de intervenção, o aumento da indecisão vocacional associa-se ao falar com os/as encarregados de educação sobre a universidade (91.70%) e sobre valores (100%), bem como tende a relacionar-se a conversas sobre saídas profissionais (91.70%) e mudanças no mundo laboral (83.30%). A manutenção dos níveis de decisão associa-se à idealização, por parte dos/as encarregados/as de educação, da realização de uma profissão em que o/a jovem se sinta realizado/a e tenha sucesso (100%). No grupo de comparação, falar sobre profissões (100%) e sobre competências académicas (100%) tende a relacionar-se com o aumento da indecisão vocacional. Neste grupo, a manutenção dos níveis de decisão associa-se à expectativa de enveredar por um curso superior específico (66.60%) e tende a relacionar-se com a inscrição em visitas de estudo e saídas semelhantes (50%).

Quanto às dificuldades de tomada de decisão, no grupo de intervenção, a sua diminuição associa-se a falar com os/as encarregados/as de educação sobre o tempo de estudo, escolas secundárias e opções após o 9.º ano e para o ensino superior (100%), bem como a pesquisar cursos e outras informações conjuntamente na Internet (75%). A manutenção das dificuldades relaciona-se com o falar com familiares sobre cursos, profissões ou empregos e tende a associar-se à expectativa de que os/as estudantes optem pelo que quiserem (83.30%). No grupo de comparação, a manutenção de dificuldades tende a associar-se à inscrição em visitas de estudo e saídas semelhantes (50%).

Quadro 9.

*Associações entre Categorias da Grelha de Entrevista Parental e Perfis de Mudança*

Subcategorias	Grupo	Adaptabilidade de Carreira				Decisão de Carreira				Dificuldades de Tomada de Decisão			
		Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$	Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$	Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$
Resultados escolares	Intervenção	1 (100%)	7(100%)	14(100%)	-	1(100%)	12(100%)	9(100%)	-	4(100%)	6(100%)	12(100%)	-
	Comparação	-	6(100%)	4(100%)	-	-	4(100%)	6(100%)	-	1(100%)	5(100%)	4(100%)	-
Vida escolar em geral	Intervenção	1 (100%)	7(100%)	13(92.9%)	(2)=0.60	1(100%)	12(100%)	8(88.9%)	(2)=1.51	4(100%)	6(100%)	11(91.7%)	(2)=0.87
	Comparação	-	5(83.3%)	4(100%)	(1)=0.74	-	4(100%)	5(83.3%)	(1)=0.74	1(100%)	4(80%)	4(100%)	(2)=1.11
Estudo em casa	Intervenção	0(0%)	6(85.7%)	14(100%)	(2)=11.63**	1(100%)	11(91.7%)	8(88.9%)	(2)=0.15	4(100%)	5(83.3%)	11(91.7%)	(2)=0.83
	Comparação	-	5(83.3%)	4(100%)	(1)=0.74	-	4(100%)	5(83.3%)	(1)=0.74	1(100%)	4(80%)	4(100%)	(2)=1.11
Relação com os colegas	Intervenção	1(100%)	7(100%)	14(100%)	-	1(100%)	12(100%)	9(100%)	-	4(100%)	6(100%)	12(100%)	-
	Comparação	-	5(83.3%)	4(100%)	(1)=0.74	-	4(100%)	5(83.3%)	(1)=0.74	1(100%)	4(80%)	4(100%)	(2)=1.11
Gestão do tempo em diferentes actividades	Intervenção	1(100%)	7(100%)	12(85.7%)	(2)=1.26	1(100%)	12(100%)	7(77.8%)	(2)=3.18	4(100%)	6(100%)	10(83.3%)	(2)=1.83
	Comparação	-	4(66.7%)	3(75%)	(1)=0.08	-	2(50%)	5(83.3%)	(1)=1.28	1(100%)	2(40%)	4(100%)	(2)=4.29
Tempo de estudo	Intervenção	0(0%)	4(57.1%)	9(64.3%)	(2)=1.61	1(100%)	9(75%)	3(33.3%)	(2)=4.42	4(100%)	5(83.3%)	4(33.3%)	(2)=7.52*
	Comparação	-	5(83.3%)	3(75%)	(1)=0.10	-	2(50%)	6(100%)	(1)=3.75†	1(100%)	3(60%)	4(100%)	(2)=2.50
Universidade	Intervenção	1(100%)	4(57.1%)	11(78.6%)	(2)=1.47	1(100%)	11(91.7%)	4(44.4%)	(2)=6.18*	4(100%)	6(100%)	6(50%)	(2)=6.88*
	Comparação	-	4(66.7%)	3(75%)	(1)=0.08	-	3(75%)	4(66.7%)	(1)=0.08	1(100%)	2(40%)	4(100%)	(2)=4.29
Opções após o 9º ano de escolaridade	Intervenção	1(100%)	4(57.1%)	10(71.4%)	(2)=0.93	1(100%)	9(75%)	5(55.6%)	(2)=1.39	4(100%)	6(100%)	5(41.7%)	(2)=8.56*
	Comparação	-	4(66.7%)	4(100%)	(1)=1.67	-	3(75%)	5(83.3)	(1)=0.10	1(100%)	4(80%)	3(75%)	(2)=0.31
Escolas Secundárias	Intervenção	1(100%)	4(57.1%)	7(50%)	(2)=0.97	1(100%)	7(58.3%)	4(44.4%)	(2)=1.27	4(100%)	5(83.3%)	3(25%)	(2)=9.56**
	Comparação	-	3(50%)	4(100%)	(1)=2.86†	-	3(75%)	4(66.7%)	(1)=0.08	1(100%)	3(60%)	3(75%)	(2)=0.71
Profissões	Intervenção	1(100%)	4(57.1%)	10(71.4%)	(2)=0.93	0(0%)	9(75%)	6(66.7%)	(2)=2.41	4(100%)	5(83.3%)	6(50%)	(2)=4.33
	Comparação	-	4(66.7%)	3(75%)	(1)=0.08	-	4(100%)	3(50%)	(1)=2.86†	1(100%)	3(60%)	3(75%)	(2)=0.71
Saídas profissionais	Intervenção	1(100%)	5(71.4%)	11(78.6%)	(2)=0.44	0(0%)	11(91.7%)	6(66.7%)	(2)=5.39†	4(100%)	5(83.3%)	8(66.7%)	(2)=2.07
	Comparação	-	5(83.3%)	4(100%)	(1)=0.74	-	4(100%)	5(83.3%)	(1)=0.74	1(100%)	4(80%)	4(100%)	(2)=1.11
Mudanças no mundo do emprego	Intervenção	0(0%)	4(57.1%)	10(71.4%)	(2)=2.25	0(0%)	10(83.3%)	4(44.4%)	(2)=5.19†	3(75%)	4(66.7%)	7(58.3%)	(2)=0.39
	Comparação	-	3(50%)	2(50%)	(1)=0.00	-	2(50%)	3(50%)	(1)=0.00	1(100%)	2(40%)	2(50%)	(2)=1.20

† $p < .10$ ; \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ .

Continua

## Quadro 9.

## Associações entre Categorias da Grelha de Entrevista Parental e Perfis de Mudança

## Continuação

Subcategorias	Grupo	Adaptabilidade de Carreira				Decisão de Carreira				Dificuldades de Tomada de Decisão			
		Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$	Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$	Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$
Atualidade	Intervenção	1(100%)	5(71.4%)	13(92.9%)	(2)=1.99	1(100%)	11(91.7%)	7(77.8%)	(2)=1.01	4(100%)	6(100%)	9(75%)	(2)=2.90
	Comparação	-	4(66.7%)	4(100%)	(1)=1.67	-	4(100%)	4(66.7%)	(1)=1.67	1(100%)	3(60%)	4(100%)	(2)=2.20
Adolescência	Intervenção	1(100%)	4(57.1%)	12(85.7%)	(2)=2.48	1(100%)	9(75%)	7(77.8%)	(2)=0.33	3(75%)	6(100%)	8(66.7%)	(2)=2.55
	Comparação	-	5(83.3%)	4(100%)	(1)=0.74	-	4(100%)	5(83.3%)	(1)=0.74	1(100%)	4(80%)	4(100%)	(2)=1.11
Características da personalidade	Intervenção	1(100%)	6(85.7%)	14(100%)	(2)=2.25	1(100%)	12(100%)	8(88.9%)	(2)=1.51	4(100%)	6(100%)	11(91.7%)	(2)=0.87
	Comparação	-	5(83.3%)	4(100%)	(1)=0.74	-	4(100%)	5(83.3%)	(1)=0.74	1(100%)	4(80%)	4(100%)	(2)=1.11
Competências acadêmicas	Intervenção	1(100%)	6(85.7%)	9(64.3%)	(2)=1.47	1(100%)	9(75%)	6(66.7%)	(2)=0.57	3(75%)	6(100%)	7(58.3%)	(2)=3.51
	Comparação	-	4(66.7%)	3(75%)	(1)=0.08	-	4(100%)	3(50%)	(1)=2.86 <sup>†</sup>	1(100%)	3(60%)	3(75%)	(2)=0.71
Saúde	Intervenção	1(100%)	6(85.7%)	12(14.3%)	(2)=0.17	1(100%)	10(83.3%)	8(88.9%)	(2)=0.30	3(75%)	6(100%)	10(83.3%)	(2)=1.48
	Comparação	-	4(66.7%)	1(25%)	(1)=0.08	-	3(75%)	4(66.7%)	(1)=0.08	1(100%)	2(40%)	4(100%)	(2)=4.29
Valores	Intervenção	1(100%)	7(100%)	12(85.7%)	(2)=1.26	0(0%)	12(100%)	8(88.9%)	(2)=11.24**	4(100%)	5(83.3%)	11(91.7%)	(2)=0.83
	Comparação	-	5(83.3%)	4(100%)	(1)=0.74	-	4(100%)	5(83.3%)	(1)=0.74	1(100%)	4(80%)	4(100%)	(2)=1.11
Ajudar o/a filho/a no seu próprio conhecimento	Intervenção	1(100%)	5(71.4%)	9(64.3%)	(2)=0.60	0(0%)	7(58.3%)	8(88.9%)	(2)=4.56	2(50%)	5(83.3%)	8(66.7%)	(2)=1.26
	Comparação	-	4(66.7%)	3(75%)	(1)=0.08	-	2(50%)	5(83.3%)	(1)=1.27	1(100%)	4(80%)	2(50%)	(2)=1.43
Para conhecer melhor o/a filho/a	Intervenção	1(100%)	3(42.9%)	8(57.1%)	(2)=1.26	0(0%)	7(58.3%)	5(55.6%)	(2)=1.27	3(75%)	4(66.7%)	5(41.7%)	(2)=1.83
	Comparação	-	2(33.3%)	3(75%)	(1)=1.67	-	1(25%)	4(66.7%)	(1)=1.67	1(100%)	3(60%)	1(25%)	(2)=2.20
Para promover o desenvolvimento do/a filho/a	Intervenção	1(100%)	6(85.7%)	9(64.3%)	(2)=1.47	0(0%)	9(75%)	7(77.8%)	(2)=2.81	3(75%)	5(83.3%)	8(66.7%)	(2)=0.57
	Comparação	-	3(50%)	2(50%)	(1)=0.00	-	2(50%)	3(50%)	(1)=0.00	0(0%)	3(60%)	2(50%)	(2)=1.20
Para ajudá-lo ou ajudá-la a desenvolver novas perspectivas	Intervenção	1(100%)	5(71.4%)	8(57.1%)	(2)=1.01	0(0%)	7(58.3%)	7(77.8%)	(2)=2.67	3(75%)	4(66.7%)	7(58.3%)	(2)=0.39
	Comparação	-	4(66.7%)	4(100%)	(1)=1.67	-	2(50%)	6(100%)	(1)=3.75 <sup>†</sup>	1(100%)	4(80%)	3(75%)	(2)=0.31

<sup>†</sup> $p < .10$ ; \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ .

Continua

## Quadro 9.

## Associações entre Categorias da Grelha de Entrevista Parental e Perfis de Mudança

## Continuação

Subcategorias	Grupo	Adaptabilidade de Carreira				Decisão de Carreira				Dificuldades de Tomada de Decisão			
		Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$	Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$	Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$
Falta de tempo	Intervenção	1(100%)	1(14.3%)	0(0%)	(2)=11.6 3**	0(0%)	0(0%)	2(22.2%)	(2)=3.18	0(0%)	1(16.7%)	1(8.3%)	(2)=0.83
	Comparação	-	0(0%)	0(0%)	-	-	0(0%)	0(0%)	-	0(0%)	0(0%)	0(0%)	-
Desconhecimento do que deve ser realizado	Intervenção	0(0%)	0(0%)	3(13.6%)	(2)=1.99	0(0%)	2(16.7%)	1(11.1%)	(2)=0.30	0(0%)	0(0%)	3(25%)	(2)=2.90
	Comparação	-	0(0%)	0(0%)	-	-	0(0%)	0(0%)	-	0(0%)	0(0%)	0(0%)	-
Não querer influenciar	Intervenção	0(0%)	0(0%)	2(14.3%)	(2)=1.26	0(0%)	1(8.3%)	1(11.1%)	(2)=0.15	0(0%)	0(0%)	2(16.7%)	(2)=1.83
	Comparação	-	0(0%)	0(0%)	-	-	0(0%)	0(0%)	-	0(0%)	0(0%)	0(0%)	-
Muito cedo para realizar qualquer atividade	Intervenção	0(0%)	0(0%)	1(7.1%)	(2)=0.60	0(0%)	0(0%)	1(11.1%)	(2)=1.51	0(0%)	0(0%)	1(8.3%)	(2)=0.87
	Comparação	-	0(0%)	0(0%)	-	-	0(0%)	0(0%)	-	0(0%)	0(0%)	0(0%)	-
Apoio ao estudo	Intervenção	1(100%)	4(57.1%)	5(35.7%)	(2)=2.12	0(0%)	7(58.3%)	3(33.3%)	(2)=2.17	3(75%)	2(33.3%)	5(41.7%)	(2)=1.83
	Comparação	-	4(66.7%)	2(50%)	(1)=0.28	-	3(75%)	3(50%)	(1)=0.63	0(0%)	4(80%)	2(50%)	(2)=2.50
Realização de atividades extra-curriculares	Intervenção	1(100%)	4(57.1%)	3(21.4%)	(2)=4.41	0(0%)	4(33.3%)	4(44.4%)	(2)=0.87	2(50%)	3(50%)	3(25%)	(2)=1.47
	Comparação	-	1(16.7%)	2(50%)	(1)=1.27	-	1(25%)	2(33.3%)	(1)=0.08	1(100%)	1(20%)	1(25%)	(2)=2.62
Pesquisa de cursos ou outra informação na Internet	Intervenção	1(100%)	2(28.6%)	3(21.4%)	(2)=2.91	0(0%)	3(25%)	3(33.3%)	(2)=0.57	3(75%)	3(50%)	0(0%)	(2)=10.66**
	Comparação	-	3(50%)	1(25%)	(1)=0.63	-	2(50%)	2(33.3%)	(1)=0.28	0(0%)	1(20%)	3(75%)	(2)=3.54
Falar com familiares sobre cursos, profissões ou empregos	Intervenção	1(100%)	2(28.6%)	6(42.9%)	(2)=1.91	0(0%)	5(41.7%)	4(44.4%)	(2)=0.74	3(75%)	5(83.3%)	1(8.3%)	(2)=11.66**
	Comparação	-	3(50%)	2(50%)	(1)=0.00	-	2(50%)	3(50%)	(1)=0.00	0(0%)	4(80%)	1(25%)	(2)=3.80
Inscrição nas visitas de estudo e outras saídas semelhantes	Intervenção	1(100%)	5(71.4%)	7(50%)	(2)=1.61	0(0%)	6(50%)	7(77.8%)	(2)=3.16	3(75%)	5(83.3%)	5(41.7%)	(2)=3.39
	Comparação	-	0(0%)	3(75%)	(1)=6.43*	-	0(0%)	3(50%)	(1)=2.86†	1(100%)	0(0%)	2(50%)	(2)=5.24†

† $p < .10$ ; \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ .

Continua

## Quadro 9.

## Associações entre Categorias da Grelha de Entrevista Parental e Perfis de Mudança

## Continuação

Subcategorias	Grupo	Adaptabilidade de Carreira				Decisão de Carreira				Dificuldades de Tomada de Decisão			
		Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$	Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$	Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$
Falar das alterações do ensino secundário ao longo do tempo	Intervenção	1(100%)	3(42.9%)	6(42.9%)	(2)=1.26	0(0%)	6(50%)	4(44.4%)	(2)=0.94	3(75%)	4(66.7%)	3(25%)	(2)=4.52
	Comparação	-	2(33.3%)	3(75%)	(1)=1.67	-	2(50%)	3(50%)	(1)=0.00	0(0%)	2(40%)	3(75%)	(2)=2.20
Falar sobre as profissões	Intervenção	1(100%)	5(71.4%)	7(50%)	(2)=1.61	0(0%)	8(66.7%)	5(55.6%)	(2)=1.78	3(75%)	5(83.3%)	5(41.7%)	(2)=3.39
	Comparação	-	4(66.7%)	3(75%)	(1)=0.08	-	4(100%)	3(50%)	(1)=2.86 <sup>†</sup>	1(100%)	3(60%)	3(75%)	(2)=0.71
Visitas a instituições	Intervenção	0(0%)	1(14.3%)	0(0%)	(2)=2.25	0(0%)	0(0%)	1(11.1%)	(2)=1.51	1(25%)	0(0%)	0(0%)	(2)=4.71 <sup>†</sup>
	Comparação	-	0(0%)	0(0%)	-	-	0(0%)	0(0%)	-	0(0%)	0(0%)	0(0%)	-
Falar sobre o mercado de trabalho	Intervenção	0(0%)	4(57.1%)	9(64.3%)	(2)=1.61	0(0%)	9(75%)	4(44.4%)	(2)=3.50	3(75%)	4(66.7%)	6(50%)	(2)=0.97
	Comparação	-	5(83.3%)	4(100%)	(1)=0.74	-	4(100%)	5(83.3%)	(1)=0.74	1(100%)	4(80%)	4(100%)	(2)=1.11
Ver com ele ou proporcionar programas culturais para alargar horizontes	Intervenção	0(0%)	0(0%)	2(14.3%)	(2)=1.26	0(0%)	2(16.7%)	0(0%)	(2)=1.83	0(0%)	0(0%)	2(16.7%)	(2)=1.83
	Comparação	-	2(33.3%)	1(25%)	(1)=0.08	-	1(25%)	2(33.3%)	(1)=0.08	0(0%)	1(20%)	2(50%)	(2)=1.43
A realização de um curso superior qualquer	Intervenção	0(0%)	4(57.1%)	4(28.6%)	(2)=2.25	0(0%)	3(25%)	5(55.6%)	(2)=2.67	1(25%)	3(50%)	4(33.3%)	(2)=0.75
	Comparação	-	1(16.7%)	2(50%)	(1)=1.28	-	2(50%)	1(16.7%)	(1)=1.27	0(0%)	2(40%)	1(25%)	(2)=0.71
A realização de um curso superior específico	Intervenção	0(0%)	1(14.3%)	4(28.6%)	(2)=0.85	0(0%)	2(16.7%)	3(33.3%)	(2)=1.12	1(25%)	2(33.3%)	2(16.7%)	(2)=0.65
	Comparação	-	2(33.3%)	2(50%)	(1)=0.28	-	0(0%)	4(66.7%)	(1)=4.44*	1(100%)	2(40%)	1(25%)	(2)=1.88
A conclusão do 12º ano	Intervenção	0(0%)	1(14.3%)	2(14.3%)	(2)=0.17	0(0%)	2(16.7%)	1(11.1%)	(2)=0.30	0(0%)	1(16.7%)	2(16.7%)	(2)=0.77
	Comparação	-	3(50%)	0(0%)	(1)=2.86 <sup>†</sup>	-	1(25%)	2(33.3%)	(1)=0.08	0(0%)	2(40%)	1(25%)	(2)=0.71
Realização de um curso profissional	Intervenção	0(0%)	1(14.3%)	2(14.3%)	(2)=0.17	0(0%)	3(25%)	0(0%)	(2)=2.90	1(25%)	1(16.7%)	1(8.3%)	(2)=0.77
	Comparação	-	2(33.3%)	1(25%)	(1)=0.08	-	2(50%)	1(16.7%)	(1)=1.27	0(0%)	2(40%)	1(25%)	(2)=0.71
A conclusão do 9º ano	Intervenção	0(0%)	0(0%)	1(7.1%)	(2)=0.60	0(0%)	1(8.3%)	0(0%)	(2)=0.87	0(0%)	1(16.7%)	0(0%)	(2)=2.79
	Comparação	-	0(0%)	0(0%)	-	-	0(0%)	0(0%)	-	0(0%)	0(0%)	0(0%)	-
A realização de uma profissão específica	Intervenção	0(0%)	0(0%)	1(7.1%)	(2)=0.60	0(0%)	0(0%)	1(11.1%)	(2)=1.51	0(0%)	1(16.7%)	0(0%)	(2)=2.79
	Comparação	-	0(0%)	1(25%)	(1)=1.67	-	1(25%)	0(0%)	(1)=1.67	0(0%)	1(20%)	0(0%)	(2)=1.11

† $p < .10$ ; \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ .

Continua

## Quadro 9.

*Associações entre Categorias da Grelha de Entrevista Parental e Perfis de Mudança**Conclusão*

Subcategorias	Grupo	Adaptabilidade de Carreira				Decisão de Carreira				Dificuldades de Tomada de Decisão			
		Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$	Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$	Melhorou n (%)	Piorou n (%)	Manteve n (%)	$\chi^2$
A realização de trabalho numa área específica	Intervenção	0(0%)	0(0%)	1(7.1%)	(2)=0.60	0(0%)	0(0%)	1(11.1%)	(2)=1.51	0(0%)	1(16.7%)	0(0%)	(2)=2.79
	Comparação	-	0(0%)	1(25%)	(1)=1.67	-	1(25%)	0(0%)	(1)=1.67	0(0%)	1(20%)	0(0%)	(2)=1.11
A realização de uma profissão com saída profissional	Intervenção	1(100%)	4(57.1%)	6(42.9%)	(2)=1.43	0(0%)	5(41.7%)	6(66.7%)	(2)=2.33	3(75%)	4(66.7%)	4(33.3%)	(2)=3.00
	Comparação	-	0(0%)	3(75%)	(1)=6.43*	-	1(25%)	2(33.3%)	(1)=0.08	0(0%)	1(20%)	2(50%)	(2)=1.43
A realização de uma profissão em que se sinta realizado/a e tenha sucesso	Intervenção	1(100%)	7(100%)	11(78.6%)	(2)=1.99	0(0%)	10(83.3%)	9(100%)	(2)=7.85*	4(100%)	5(83.3%)	10(83.3%)	(2)=0.77
	Comparação	-	4(66.7%)	3(75%)	(1)=0.08	-	2(50%)	5(83.3%)	(1)=1.27	1(100%)	2(40%)	4(100%)	(2)=4.29
O que ele/ela quiser	Intervenção	1(100%)	4(57.1%)	5(35.7%)	(2)=2.12	0(0%)	6(50%)	4(44.4%)	(2)=0.94	2(50%)	5(83.3%)	3(25%)	(2)=5.53 <sup>†</sup>
	Comparação	-	2(33.3%)	3(75%)	(1)=1.67	-	2(50%)	3(50%)	(1)=0.00	0(0%)	3(60%)	2(50%)	(2)=1.20
Que seja feliz	Intervenção	1(100%)	5(71.4%)	9(64.3%)	(2)=0.60	0(0%)	9(75%)	6(66.7%)	(2)=2.41	3(75%)	5(83.3%)	7(58.3%)	(2)=1.26
	Comparação	-	3(50%)	3(75%)	(1)=0.63	-	3(75%)	3(50%)	(1)=0.63	0(0%)	3(60%)	3(75%)	(2)=1.88
Que siga o seu sonho	Intervenção	0(0%)	4(57.1%)	11(78.6%)	(2)=3.23	0(0%)	10(83.3%)	5(55.6%)	(2)=4.07	4(100%)	4(66.7%)	7(58.3%)	(2)=2.41
	Comparação	-	3(50%)	3(75%)	(1)=0.63	-	3(75%)	3(50%)	(1)=0.63	0(0%)	3(60%)	3(75%)	(2)=1.88

<sup>†</sup> $p < .10$ ; \* $p < .05$ ; \*\* $p < .01$ .

Verificou-se ainda uma associação estatisticamente significativa entre as habilitações das mães e a decisão vocacional,  $\chi^2(8) = 22.73, p = .004$ . O aumento da indecisão vocacional relaciona-se com as habilitações maternas do 3.º Ciclo e ensino superior.

### **Discussão**

A presente investigação avaliou o impacto de um programa de intervenção psicológica vocacional. Percecionada a necessidade de implementar e avaliar a eficácia de intervenções psicológicas vocacionais, esta investigação procurou acrescentar evidência sobre a eficácia do programa “Eu Pertença ao Meu Futuro” – 9.º ano (Cordeiro et al., 2017; Machado, 2018; Taveira et al., 2015). Além de considerar a adaptabilidade de carreira, investigou-se o impacto do programa na indecisão vocacional e nas dificuldades na tomada de decisão. Recorreu-se ainda ao RCI e à associação entre a mudança dos/as participantes e a influência parental. Globalmente, os resultados indicam que o programa foi eficaz, indo ao encontro de literatura que reporta efeitos benéficos da intervenção psicológica vocacional (e.g., Brown & Roche, 2016).

Os resultados quanto à comparação entre momentos sustentam a Hipótese 3, corroborando benefícios da intervenção psicológica vocacional na diminuição de dificuldades na tomada de decisão. Na comparação entre grupos, obteve-se sustentação para a Hipótese 4, já que, no segundo momento, o grupo de intervenção apresentou significativamente maior confiança do que o grupo de comparação. Tal parece sugerir que os/as estudantes com intervenção beneficiam do desenvolvimento de competências para superar obstáculos na construção dos seus percursos de carreira (Maggiori et al., 2015; Savickas & Porfeli, 2012). Atestou-se, pois a eficácia do programa no que respeita à confiança, indo ao encontro de resultados anteriormente reportados na literatura (e.g., Janeiro et al., 2014; Machado, 2018; Nota et al., 2016; Silva et al., 2017).

Dada a influência dos/as encarregados/as de educação no desenvolvimento vocacional dos/as jovens (Gonçalves & Coimbra, 2007; Taveira, 2011), os resultados indicam que os/as encarregados/as de educação assumem frequentemente a iniciativa de conversar com os/as educandos/as sobre questões de carreira, com o principal objetivo de promover o autoconhecimento. Estes resultados são coerentes com os de estudos prévios, de acordo com os quais os/as encarregados/as percebem-se como responsáveis pelas conversas com os/as estudantes (Araújo et al., 2012). Os resultados demonstram ainda sustentação para a Hipótese 9, pois a influência familiar associa-se à diminuição de dificuldades de tomada de decisão no grupo de intervenção. A comunicação familiar sobre escolas secundárias e opções para o ensino secundário e superior, assim como a ação conjunta na mobilização da Internet como recurso exploratório relacionam-se com decréscimos de dificuldades de tomada de decisão. Contudo, nem sempre a influência parental foi positiva, pois falar sobre universidades e mudanças no mundo do emprego associaram-se ao aumento de indecisão vocacional. Futuramente, seria útil considerar perspectivas dos/as encarregados/as de educação e dos/as estudantes quanto à comunicação, à ação conjunta e às expectativas inerentes à sua dinâmica relacional (Young et al., 2001). Os resultados desta investigação remetem ainda para a necessidade de atender à qualidade dos discursos entre encarregados/as de educação e estudantes (Young et al., 2001). Alertam também para a importância de práticas de consultoria psicológica vocacional mais sistemáticas junto dos/as encarregados/as de educação, no sentido de contribuir para uma influência positiva no desenvolvimento vocacional dos/as jovens (Rodrigues et al., 2017; Young et al., 1997).

Apesar dos contributos desta investigação, existem algumas limitações que determinam cuidado na generalização dos resultados. Primeiro, a recolha de dados recorreu a um método de amostragem por conveniência e incluiu uma amostra de reduzida dimensão com discrepância numérica entre os grupos de intervenção e comparação. Para superar esta

lacuna, investigações futuras poderiam mobilizar equipas de psicólogos/as, devidamente treinados/as, para implementar a intervenção psicológica vocacional e alcançar uma amostra de dimensão mais alargada, com equilíbrio de participantes pelos grupos de intervenção e comparação. A criação de parcerias entre instituições escolares públicas e privadas e com associações científicas (e.g., Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Carreira) seria útil para recrutar uma amostra mais alargada, acrescendo a intervisão como vantagem para os/as psicólogos/as e, subsequentemente, para os/as clientes. Segundo, a presente investigação careceu de análise de conteúdo das respostas a questões abertas da GEP e dos registos reflexivos elaborados pela psicóloga no decurso da intervenção psicológica vocacional, alvo de debate em supervisão. Justifica-se que, em investigações futuras, esses dados sejam considerados, optando por uma metodologia mista. Tal permitiria enriquecer o manual do programa, equilibrando o planeamento da intervenção com flexibilidade entre sessões e adequação a cada grupo.

Importa ainda salientar a necessidade de realizar mais investigações para avaliar o impacto da intervenção psicológica vocacional noutros construtos (e.g., dificuldades emocionais na tomada de decisão), analisar variações consoante características de personalidade e atestar a efetividade das intervenções (Öztemel, 2014; Silva et al., 2017). Seria também útil testar a aplicabilidade e o impacto do programa junto de grupos específicos, como jovens sobredotados/as (Jung, 2017). Com efeito, os/as psicólogos/as em contexto escolar dinamizam “atividades junto de diferentes populações e problemáticas, contribuindo para a melhoria e qualidade dos serviços prestados” (OPP, 2017, p. 5). Tal como defendido pelo programa Geração 2030 do Organismo Internacional de Juventude (OIJ), são necessárias práticas de inclusão e coesão social, as quais devem ser consideradas na intervenção psicológica vocacional.

Desta investigação, derivam implicações para a formação dos/as psicólogos/as e para políticas educativas. São necessários apoios políticos à formação contínua dos/as profissionais de Psicologia, contribuindo para intervenções empiricamente validadas, que não se confinem ao modelo clínico e que valorizem os contextos de vida dos indivíduos (Mendes et al., 2015; OPP, 2017; Vondracek et al., 2014). Esta investigação, ainda que focada na intervenção psicológica vocacional, pode contribuir para uma linha de pesquisa sobre a juventude, estimulando a interseção de interesses e a realização de práticas psicológicas integradoras entre a juventude, a educação e a sociedade.

## Referências

- Alves, A., Soares, H. C., & Filho, J. (sd). A diferença entre o aluno e o estudante. Retirado de:  
<http://www.atenas.edu.br/Faculdade/arquivos/NucleoIniciacaoCiencia/REVISTAS/REVIST2014/1%20A%20DIFEREN%C3%87A%20ENTRE%20O%20ALUNO%20E%20O%20ESTUDANTE.pdf>
- Aguiar, A., Del Prette, Z., & Aguiar, R. (2009). *Calculando a significância clínica e o índice de mudança confiável em pesquisa-intervenção*. São Carlos: EDUFSCar.
- Ambiel, R. (2014). Adaptabilidade de carreira: Uma abordagem histórica de conceitos, modelos e teorias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional* 15(1), 15-24.
- American Psychological Association (2010). *Publication manual of the American Psychological Association*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Araújo, A. M., Taveira, M. C., Mota, A. I., Oliveira, I. M., Pinto, J. C., Viamonte, I., & Faria, L. (2012). Parental participation in adolescents' educational and career experiences and planning: A study with Portuguese parents. In IATED (Eds.), *6th International Technology, Education and Development Conference Proceedings* (pp. 3631-3637). Valencia, Espanha: INTED2012.
- Audibert, A., & Teixeira, M. A. (2015). Escala de adaptabilidade de carreira: Evidências de validade em universitários brasileiros. *Revista Brasileira de Orientação Profissional* 16(1), 83-93.
- Brown, S. D. (2015). Career intervention efficacy: Making a difference in people's lives. In P. J. Hartung, M. L. Savickas, & W. B. Walsh (Eds.), *APA handbook of career intervention, volume 1 foundations* (pp. 61–77). Washington, DC: American Psychological Association.
- Brown, S. D., & Roche, M. (2016). The outcomes of vocational interventions: Thirty (some) years later. *Journal of Career Assessment*, 24, 26-41. doi:10.1177/1069072715579666.
- Camacho, P. (2013). *Adaptabilidade de carreira e auto-eficácia na transição ao trabalho: Estudo longitudinal com estudantes finalistas do ensino profissional* (Dissertação de mestrado). Universidade do Algarve: Algarve.
- Coelho, A. (2013). *Estratégias de adaptabilidade na intervenção vocacional com jovens de 9º ano de escolaridade* (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa: Lisboa.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2000). *Research methods in education* (5th ed.). London: Falmer.

- Cordeiro, S. A., Rodrigues, B., Taveira, M. C., Marques, C. M., Oliveira, I. M., Silva, A. D., & Costa-Lobo, C. (2018). Ensino da psicologia e da psicologia da carreira: O presente e implicações futuras. *Psique, 14*, 40-55. doi:10.26619/2183-4806.XIV.1.3
- Cordeiro, S. A., Taveira, M. C., Neves, L., Silva, A. D., Rodrigues, B., & Costa-Lobo, C. (2017). Efeitos de uma intervenção psicológica vocacional na adaptabilidade de carreira. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente, 8*(1), 93-104.
- Decreto-Lei n.º 190/91 de 17 de maio, Diário da República, 1.º Série A, criação, natureza e atribuições dos serviços de psicologia e orientação, no âmbito do Ministério da Educação.
- Despacho n.º 6478/2017 de 21 de julho. Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Ministério da Educação.
- Duarte, M. E., Soares, M. C., Fraga, S., Rafael, M., Lima, M., Paredes, I., Agostinho, R., & Djaló, A. (2012). Career adapt-abilities scale—Portugal form: Psychometric properties and relationships to employment status. *Journal of Vocational Behavior, 80*, 725-729. doi:10.1016/j.jvb.2012.01.019
- Estreia, M., Gamboa, V., Rodrigues, S., & Paixão, O. (2018). Suporte parental e autoeficácia nos processos de exploração e de tomada de decisão de carreira. *Revista Psicologia e Educação, 1*(1), 91-102.
- Faria, L., Araújo, A., Taveira, M. C., & Pinto, J. (2008). Consulta psicológica vocacional em grupo: Estudos de casos com alunos de 9º ano de escolaridade. *Psicologia Educação e Cultura, 12*(1), 45-60.
- Faria, L. (2013). Influência da condição de emprego/desemprego dos pais na exploração e indecisão vocacional dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 26*(4), 772-779.
- Fretz, B. (1981). Evaluating the effectiveness of career interventions. *Journal of Counselling Psychology, 28*, 77-90. doi:10.1037/0022-0167.28.1.77
- Gamboa, V., Paixão, M. P., & Jesus, S. (2011). A eficácia de uma intervenção de carreira para a exploração vocacional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 12*(2), 153-164.
- Gamboa, V., Paixão, O., & Palma, A. (2014). Adaptabilidade de carreira e autoeficácia na transição para o trabalho: O papel da empregabilidade percebida – estudo com estudantes do ensino superior. *Revista Portuguesa de Pedagogia, 48*, 133-156. doi:10.14195/1647-8614\_48-2\_7

- Gati, I., Krausz, M., & Osipow, S. (1996). A taxonomy of difficulties in career decision making. *Journal of Counseling Psychology, 43*, 510-526. doi:10.1037/0022-0167.43.4.510
- Gati, I., & Saka, N. (2001). Internet-based versus paper-and-pencil assessment: Measuring career decision-making difficulties. *Journal of Career Assessment, 9*, 397-416. doi:10.1177/106907270100900406
- Ginevra, M. C., Pallini, S., Vecchio, G., Nota, L., & Soresi, S. (2016). Future orientation and attitudes mediate career adaptability and decidedness. *Journal of Vocational Behavior, 95*, 102–110. doi:10.1016/j.jvb.2016.08.003
- Gomes, C. (2016). *A adaptabilidade de carreira em candidatos ao ensino superior* (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa: Lisboa.
- Gonçalves, C. (2013). *O Aluno e a transição: Relação entre auto-conceito e atitudes face à escola* (Dissertação de mestrado). Universidade da Madeira: Funchal.
- Gonçalves, C., & Coimbra, J. L. (2007). O papel dos pais na construção de trajetórias vocacionais dos seus filhos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional, 8*(1), 1-17.
- Haro, F., Serafim, J., Cobra, J., Faria, L., Roque, M. I., Ramos, M., Carvalho, P., & Costa, R. (2016). *Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Pactor.
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Classificação Portuguesa das Profissões 2010*. Retirado de: <http://azores.gov.pt/NR/rdonlyres/2750F07D-9748-438F-BA47-7AA1F8C3D794/0/PPP2010.pdf>
- Jacobson, N., & Truax, P. (1991). Clinical significance: A statistical approach to defining meaningful change in psychotherapy research. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 59*, 12-19. doi:10.1037/0022-006X.59.1.12
- Janeiro, I., Mota, L., & Ribas, A. (2014). Effects of two types of career interventions on students with different career coping styles. *Journal of Vocational Behavior, 85*, 115-124. doi:10.1016/j.jvb.2014.05.006
- Jung, J. Y. (2017). Occupational/career decision-making thought processes of adolescents of high intellectual ability. *Journal for the Education of the Gifted, 40*, 50-78. doi:10.1177/0162353217690040
- Königstedt, M., & Taveira, M. C. (2010). Exploração vocacional em adolescentes: Avaliação de uma intervenção em classe. *Paidéia, 20*, 303-312. doi:10.1590/S0103-863X2010000300003

- Königstedt, M. (2011). *Intervenção vocacional em contexto escolar: Avaliação de um programa longo em classe com adolescentes* (Dissertação de doutoramento). Universidade do Minho: Braga.
- Krumboltz, J. D., Becker-Haven, J. F., & Burnett, K. F. (1979). Counseling psychology. *Annual Review of Psychology*, *30*, 55-602.
- Luthans, F., Youssef, C. M., & Avolio, B. J. (2007). *Psychological capital: Developing the human competitive edge*. Oxford, UK: Oxford University Press.
- Machado, M. T. (2018). *Eficácia da consulta psicológica vocacional em escolas de Vila Nova de Famalicão* (Dissertação de mestrado). Universidade do Minho: Braga.
- Maggiore, C., Rossier, J., & Savickas, M. L. (2015). Career Adapt-Abilities Scale–Short Form (CAAS-SF): Construction and Validation. *Journal of Career Assessment* *25*, 312-325. doi:10.1177/1069072714565856
- Martins, C. (2011). *Manual de Análise de Dados Quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilíbrios.
- Mendes, S., Abreu-Lima, I., & Almeida, L. (2015). Psicólogos escolares em Portugal: Perfil e necessidades de formação. *Estudos de Psicologia*, *32*, 405-416. doi:10.1590/0103-166X2015000300006
- Myers, R. E. (1971). Research on educational and vocational counseling. In A. E. Bergin & S. L. Garfield (Eds.), *Handbook of psychotherapy and behavior change: An empirical analysis* (pp. 863-891). New York: Wiley.
- Negru-Subtirica, O., & Pop, E. (2016). Longitudinal links between career adaptability and academic achievement in adolescence. *Journal of Vocational Behavior*, *93*, 163-170. doi:10.1016/j.jvb.2016.02.006
- Nota, L., Santilli, S., & Soresi, S. (2016). A life-design-based online career intervention for early adolescents: Description and initial analysis. *The Career Development Quarterly*, *64*, 4-19. doi:10.1002/cdq.12037
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2017). *Perfil das/os psicólogas/os da educação*. Retirado de: [https://issuu.com/ordemdospsicologos/docs/perfil-psicologos-educa\\_\\_\\_\\_o/1?ff&e=10750189/54544933](https://issuu.com/ordemdospsicologos/docs/perfil-psicologos-educa____o/1?ff&e=10750189/54544933)
- Osipow, S., Carney, C., Winer, J., Yanico, B., & Koschier, M. (1976). *The Career Decision Scale* (3rd revision). Columbus, OH: Marathon Consulting & Press and Odessa, FL: Psychological Assessment Resources, Inc.

- Öztemel, K. (2014). Career indecisiveness of turkish high school students: associations with personality characteristics. *Journal of Career Assessment, 22*, 666-681. doi:10.1177/1069072713515630.
- Perera, H., & McIlveen, P. (2016). Profiles of career adaptivity and their relations with adaptability, adapting, and adaptation. *Journal of Vocational Behavior 98*, 70-84. doi:10.1016/j.jvb.2016.10.001
- Pinto, H. R., & Soares, M. C. (2000). *Influência parental no desenvolvimento vocacional. Relatório de investigação*. Lisboa: Instituto de Orientação Profissional.
- Regulamento n.º 258/2011 de 20 de abril. Diário da República n.º 78/2011, Série II, Ordem dos Psicólogos Portugueses.
- Rodrigues, B., Silva, A. D., & Ferreira, S. (2017). Intervenção de carreira em situação de vulnerabilidade académica: O caso D. In M. Carvalho, & M. C. Taveira (Ed.), *Intervenções de carreira: Estudo de casos práticos* (pp. 3-21). Braga: APDC.
- Rodrigues, S., Gamboa, V., Vieira, L., Paixão, O., & Domingues, D. (2017). Suporte parental e autonomia: Efeitos na exploração e indecisão vocacional. *Omnia, 7*, 41-57. doi:10.23882/OM07-2017-10-04
- Rodríguez-Moreno, M. L. (1995). Aplicaciones de la educación para la carrera al contexto de la reforma de las enseñanzas. In M. L. Rodríguez (Coord.), *Educación para la carrera y diseño curricular: Teoría y práctica de programas de educación para el trabajo* (pp. 123-221). Barcelona: U. B.
- Santilli, S., Marcionetti, J., Rochat, S., Rossier, J., & Nota, L. (2016). Career adaptability, hope, optimism, and life satisfaction in Italian and Swiss adolescents. *Journal of Career Development, 44*, 62-76. doi:10.1177/0894845316633793.
- Savickas, M. L. (1997). Career adaptability: An integrative construct for life-span, life-space theory. *The Career Development Quarterly, 45*, 247-259. doi:10.1002/j.2161-0045.1997.tb00469.x
- Savickas, M. L., & Porfeli, E. J. (2012). Career adapt-abilities scale: Construction, reliability, and measurement equivalence across 13 countries. *Journal of Vocational Behavior, 80*, 661-673. doi:10.1016/j.jvb.2012.01.011
- Silva, A. D., Coelho, P., & Taveira, M. C. (2017). Effectiveness of a career intervention for empowerment of institutionalized youth. *Vulnerable Children and Youth Studies, 12*, 171-181. doi:10.1080/17450128.2017.1282070
- Silva, F., Oliveira, S., Barroso, P., Oliveira, I. M., Taveira, M. C., & Cardoso, P. (2017). Life design counseling: Uma intervenção de carreira no serviço de psicologia de ação social

- municipal. In M. Carvalho, & M. C. Taveira (Eds.), *Intervenções de carreira: Estudos de casos práticos* (89-109). Braga: APDC.
- Silva, J. T. (2004). A eficácia da intervenção vocacional em análise: Implicações para a prática psicológica. In M. C. Taveira (Coord.). *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida. Fundamentos, princípios e orientações* (pp. 95-125). Coimbra: Editorial Almedina.
- Silva, J. T. (2005). Estudo psicométrico da *My Vocational Situation* com alunos do 9º ano de escolaridade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 39, 417-437.
- Silva, J. T., & Ramos, L. A. (2008). Fiabilidade e validade da versão portuguesa do questionário das dificuldades de tomada de decisão de carreira: Estudo piloto. *Psicologia e Educação*, 7(1) 89-107.
- Simplício, R. (2014). *Adaptabilidade, empenhamento e motivação: Estudo exploratório com uma amostra de jovens e adultos* (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa: Lisboa.
- Spokane, A. (2004). Avaliação das intervenções de carreira. In L. Leitão (Coord.) *Avaliação Psicológica em Orientação Escolar e Profissional* (pp. 455-473). Coimbra, Quarteto.
- Spokane, A. R., & Oliver, L. (1983). The outcomes of vocational intervention. In W. B. Walsh, & S. Osipow (Eds.), *Handbook of vocational psychology* (pp. 99). Hillsdale, NJ: LEA.
- Spokane, A. R., & Nguyen, D. (2015). Progress and prospects in the evaluation of career assistance. *Journal of Career Assessment*, 1-23. doi:10.1177/1069072715579665
- Super, D. E. (1955). The dimensions and measurement of vocational maturity. *Teachers College Record*, 57, 151-163.
- Super, D. E. (1980). A life-span, life-space approach to career development. *Journal of Vocational Behavior*, 16, 282-298. doi:10.1016/0001-8791(80)90056-1
- Tabachnick, B., & Fidell, L. (2013). *Using multivariate statistics* (6ª ed.). Pearson.
- Taveira, M. C., Oliveira, I. M., Marques, C., Araújo, J., Fernandes, L., Pelicano, G., & Barbosa, M. J. (2015). *Projecto Concelhio de Intervenção Vocacional de Vila Nova de Famalicão Segundo Estudo de Avaliação de Eficácia do Programa “Eu Pertença ao Meu Futuro - 9º ano”*. Comunicação apresentada no III Seminário de Psicologia e Orientação em Contexto Escolar, Lisboa, Portugal.
- Taveira, M. C. (2011). *Estudos de psicologia vocacional – readings*. Braga: APDC.

- Taveira, M. C. (1997). *Exploração e desenvolvimento vocacional de jovens: Estudo sobre as relações entre a exploração, a identidade e a indecisão vocacional* (Dissertação de doutoramento). Universidade do Minho: Braga.
- Taveira, M. C. (2014). *Programa de intervenção psicológica vocacional: Eu pertença ao meu futuro Versão para o 9º ano*. Manuscrito não publicado, Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Viamonte, I. (2012). *Influência parental na adolescência e desenvolvimento vocacional* (Dissertação de mestrado). Universidade do Minho: Braga.
- Vieira, L. (2014). *Adaptabilidade de carreira e empenhamento organizacional: Estudo exploratório em trabalhadores com e sem atividades extraprofissionais* (Dissertação de mestrado). Universidade de Lisboa: Lisboa.
- Vondracek, F. W., Ford, D. H., & Porfeli, E. J. (2014). *A living systems theory of vocational behavior and development*. Rotterdam: Sense Publishers.
- Whiston, S., Brecheisen, B., & Stephens, J. (2003). Does treatment modality affect career counseling effectiveness? *Journal of Vocational Behavior*, *62*, 389.
- Whiston, S., Li, Y., Mitts, N., & Wright, L. (2017). Effectiveness of career choice interventions: a meta-analytic replication and extension. *Journal of Vocational Behavior*, *100*, 175-184. doi:10.1016/j.jvb.2017.03.010.
- Young, R. A., Valach, L., Ball, J., Paseluikho, M., Wong, Y., DeVries, R., McLean, H., & Turkel, H. (2001). Career development in adolescence as a family project. *Journal of Counseling Psychology*, *48*, 190-202. doi:10.1037/0022-0167.48.2.190
- Young, R. A., Paseluikho, M., & Valach, L. (1997). The role of emotion in the construction of career in parent-adolescent conversations. *Journal of Counseling & Development*, *76*, 36-44. doi:10.1002/j.1556-6676.1997.tb02374.x